

Stadium

N.º 44 x 6 DE OUTUBRO DE 1943



SPORTING-BENFICA

Peyroteo executa uma das suas fogaças arremetidas, acossado pelo incansável Gaspar Pinto

(foto Nunes d'Almeida)

1\$50

Vaivéns da sorte

CASAPIANOS!

Presta atenção ao vosso clube, ajudando-o a vencer o actual período de crise!

QUEM presenciou as antigas assembleias gerais do Casa Pia Atlético Clube e assistiu àquela que se efectuou no penúltimo sábado, de certo ficou profundamente surpreendido com a grande mudança de ambiente. Anos atrás, as reuniões magnas da colectividade decorriam em atmosfera apaixonada. As discussões acalravam-se com frequência, mas de todas elas ressaltava o muito amor dos sócios pelo clube que diziam continuador da maravilhosa obra de assistência moral, intelectual e física há tantas décadas empreendida pelo piedoso e munificente instituto de Belém.

Bastaram algumas manifestações de pouca sorte, agravadas pelos maus resultados que a equipa de futebol obtinha nos campeonatos, para que muitos dos mais acérrimos partidários do clube abandonassem as suas fileiras, olvidando quasi de um dia para o outro os sentimentos, os motivos, os laços que até ali os tinham prendido, e, bem assim, a finalidade que a agremiação se propunha atingir. Por isso ela decaiu a olhos vistos e, a avaliar pelos informes que até nós chegaram, mais depressa decaíra se os casapianos, novos ou velhos, não se dispuserem, quanto antes, a prestar-lhe carinhosamente todo o amparo de que precisa, para recuperar novas energias e trilhar com mais segurança o caminho do progresso.

Quasi custa a acreditar que um clube com tantas condições de vida, tantos sócios altamente colocados, atravesse tão grande crise. E, acima de tudo, o mais lamentável é que bastem alguns fracassos desportivos para lançar por terra idéias, projectos, planos de uma obra que se antolha de elevado alcance social. Como se tivessem valor, ou significado de tal maneira impertante, os resultados que um grupo de homens alcança nos campos de futebol!

É certo que o Casa Pia A. C. nunca desfrutou as simpatias populares. Constituído por elementos que saíram da massa anónima, das camadas modestas, para não dizer menos favorecidas pela sorte, e que tudo quanto são o devem à Casa Pia de Lisboa, nem por isso, nem por ser um agrupamento formado por homens desta natureza, conseguiu tornar-se simpático ao povo!

Para o facto de-certo contribuiu a circunstância de «ter chegado, visto e vencido.» Muitos viram nêe adversário temível, que era necessário combater para evitar a perda de prestígio. Geraram-se campanhas. Fomentaram-se antipatias. Os próprios casapianos descreeram as suas possibilidades. O clube perdeu a embalagem inicial.

(Conclui na pág. 14)

NOTAS & COMENTÁRIOS

FOI nomeado Inspector de Desportos o nosso estimado camarada e amigo José Duarte de Ayala Boto. Reccebemos com apazamento a noticia desta nomeação. Além de se tratar de um colega de imprensa que muito prezamos, pelo seu valor e pela sua camaradagem, trata-se de um antigo professor local com larga experiência em assuntos de ginástica e desportos. Ayala Boto tem-se distinguido como instrutor da «Moidade Portuguesa», efectuando, nessa qualidade, várias viagens ao estrangeiro. Fez algumas épocas como jogador de futebol e «rugby». Reúne, pois, excelentes qualidades para bem desempenhar as funções de Inspector de Desportos.

A Ayala Boto, com um afectuoso abraço de parabens, o nosso desejo de felicidade no seu novo cargo.

O «Cimento Tejos, clube desportivo de Alhandra, pretendeu organizar a V Travessia Vila Franca-Alhandra, mas não teve concorrência em número bastante para justificar a realização da prova. Pensou, depois, levar a effecto a I Travessia Vila Franca-Alhandra Corporativa. O resultado não deve, porém, ter sido muito melhor. Desistiu, por isso.

As dificuldades levantadas, podem levar o «Cimento Tejos a pensar que a prova em projecto é difícil, por causa das condições do rio entre as duas vilas ribeirinhas. E talvez não valha a pena, por enquanto, remar contra a maré...

O problema do comportamento dos jogadores em campo tem muita gravidade para os clubes a que pertencem. Com o Sporting deu-se agora um exemplo de flagrante oportunidade — três jogadores da categoria de honra foram suspensos, por algum tempo. No jogo immediato, tiveram os «leões» dificuldade em bater o Atlético. A suspensão de três jogadores, obrigando a substituição em três categorias, pode ter custado ao clube a perda de dois campeonatos. Era nestas coisas que os jogadores podiam e deviam pensar, de quando em quando... Não fazia mal.

POR se falar em resultados, ocorre-nos registar um que pode constituir ponto de partida para a animação de um campeonato — o Olhanense foi derrotado, no seu próprio campo, pelo Sporting Clube Farense.

Voltará a haver equilibrio entre as equipas algarvias de primeiro plano?

O torneio de aviação-polo, organizado com o patrocínio da «Stadium», para prova de que não hesitamos em patrocinar as iniciativas de propagação cuja realização aduogamos, reuniu apenas a inscrição de dois clubes, embora com três equipas. Pode parecer pouco, à primeira vista. Mas é já resultado lisonjeiro para uma modalidade que não se movimentava ha anos.

É preciso temer — quanto a teimosia é apenas prova de tenacidade e entusiasmo por uma ideia.

EM Cascais têm-se repetido as provas de hipismo. A cavalaria portuguesa não pode estar em descanso. É preciso trabalhar — e correr. As provas de Cascais vieram em boa altura e têm provocado resultados brilhantes.

ANO XI — Lisboa, 6 de Outubro de 1943 — II SÉRIE-N.º 44

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

EM «basket-ball» apparecem com frequência discussões de propagação pelos melhores clubes. Neste principio da nova época de um desporto que vai ganhando popularidade, o Vasco da Gama, campeão do Porto, anda em digressão pelo sul do país, e o Atlético, campeão do sul, foi de longada até o norte. Os primeiros tocam-se, que é como quem diz — trocam-se...

Estas viagens de propagação são excelentes, quando orientadas no sentido de dar preferência a exhibição, em vez da preocupação do resultado, a todo o transe.

HÁ já algum tempo, num desafio de hockey em pinha disputado algures, um espectador exaltado, mas de certa posição social, atrava frequentes remques a um espectador mais novo. Este dizia, para si, por exemplo, que o arbitro tinha procedido bem. E o outro insultava-o tão publicamente quanto lhe era possível.

A certa altura, um individuo mais velho, que estava entre os dois e que até ali se mantivera calado, perguntou ao primeiro se conhecia o rapaz mais novo, obtendo como resposta esta pergunta: Mas que tem o senhor com isso?...

A contra-resposta não demorou: «É que este rapaz é meu filho e eu não posso permitir que ele responda a pessoas que não conheço. O aspecto foi fulminante! O espectador exaltado não tornou a falar durante o desafio...

ENCONTRA-SE de parabens o Clube de Futebol «Os Belenenses», por ter completado 21 anos de existência. Neste largo período de tempo, o Belenense, que appareceu para reunir num grupo próprio os jogadores feitos dentro daquela zona — a zona lisboeta mais rica de tradições de expansão do futebol lusitano, é agora, passado quasi um quarto de século, um dos três grandes clubes da capital em popularidade. O Estádio José Manuel Soares, com o único campo rebeldado de Lisboa — é um título de glória para o desporto nacional. A sua carreira, a marcha dos últimos anos, são garantia de futuro.

Ao Belenense, as nossas felicitações.

TAMBÉM está de parabens o Grupo Pátria. É menos conhecido e menos popular que o Belenense. Mas festeja as suas bodas de ouro — que é uma data mais gloriosa. O Grupo Pátria, nucleo de atradores de grandes recursos, tem o nome ligado à expansão do tiro nacional com arma de guerra, e à representação de Portugal em diversos torneios no estrangeiro, incluindo vários Jogos Olímpicos.

As bodas de ouro do Grupo Pátria não podem, pois, passar despercebidas. Com o desejo de pleno êxito para as provas em preparação, apresentamos, ao Grupo Pátria, o nosso cartão de parabens.

ENTRE nós ha um pouco de tendência para os extremos. Ou oit, ou oitenta... Em largos meses não se organizou, em Lisboa, uma única sessão de boxing. Em contrapartida, estiveram marcadas, para a última quarta-feira, duas sessões — uma no Estádio Mayer e outra no Campo Pequeno. E mais se as duas empresas organizadoras de combates de pugilistas entram em concorrência apertada. Nem uma, nem outra...

FINDOU, há dias, em Coimbra, o torneio dos campeonatos districtais de «basket-ball», com a vitória do Vasco da Gama. Não se devem tirar ilusões de um triunfo obtido nestas circunstâncias, em principio de temporada, ábrcu do valor relativo dos clubes que entraram no torneio e dos que se distinguiram mais no último campeonato nacional de «basket». Antemos, apenas, duas coisas — que o Vasco da Gama venceu com brilho, e que o mesmo clube e o Atlético Clube de Portugal não descuram a sua preparação.

É preparando-se com tempo que os clubes podem aspirar a grandes vitórias.



ESTÁ EM JÓGO UM TÍTULO...

A LUTA DOS CLUBES HISTÓRICOS

Comentários à 3.ª jornada do campeonato de Lisboa

por TAVARES DA SILVA

A tradição mantém-se, cada vez mais viva e palpante. Dir-se-ia que a luta, sempre encarnizada, entre os dois Clubes Históricos, começou há pouco tempo. E já lá vão muitos anos. Tantos quantos cada um conta. Porque a rivalidade não cessa. Encontra no futuro a raiz do passado. E época a época se reacende iluminada pelo entusiasmo das multidões, e por um elemento que, por dificuldade de expressão, designaremos p.r. a alma clubista.

Certo e sabido. Nem espanta. Tão natural já de si. Quando os Clubes Históricos se afrontam, o futebol lisboeta ilumina-se. Vive da alegria das cores vermelha e verde. E palpita. Nenhum elemento da bola consegue resistir a esta atracção, provocada por questões de rivalidade e supremacia que quasi se perdem no tempo e no espaço.

Do Sporting-Benfica resultou a primeira grande enchente da época. Estava formoso o estádio do Lumiar. Estendia-se a vista por todos os lados. Nem um espaço em branco. Tudo dominado pela mais pura das emoções desportivas, e da paixão vivendo o momento, à sua maneira e consoante os seus desejos e predilecções.

O desafio do Lumiar correspondeu à espectral. Nos outros campos, porém, também o futebol triunfou. Peso ao resultado das Salésias, a partida despertou o interesse que se calculava. E a vitória do Fozos emburra a classificação, no que se refere a alguns postos. Emburra e complica as coisas; despertar interesse. A vantagem da competição. Quanto mais nivelados os valores — melhor.

No Lumiar, começou a jogar-se muito bem. E bem se acabou a jogar!

Há a tendência para enaltecer o presente, esquecendo o passado. Aquilo que se está a passar é que é bom. O que já passou, diluído como se encontra na memória, não presta para nada. No entanto, julgamos ser verdadeiros e justos afirmando que, para começo de temporada, se está a jogar francamente bem, em Lisboa. O encontro do Lumiar, distinto nas suas duas partes, de nível alto no seu todo, assim o prova. Um primeiro tempo que, sob o ponto de vista técnico, se deve considerar notável. E uma segunda parte, embora de mais baixo nível, mesmo assim aceitável, e ainda por cima emocionante, cobrindo a luta de dúvida e incerteza, os grandes atractivos. Do resto, nem admira que assim tenha acontecido. Um grupo raramente se bate com a mesma energia e rapidez do primeiro ao último segundo. O desame do esforço e a sua repartição equitativa são difíceis. Porque dependem de várias circunstâncias, com influência certa do temperamento e dos nervos dos homens que tomam parte na luta.

O fenómeno verifica-se em quasi todas as partidas. Os primeiros tempos têm qualquer coisa de prodigioso, em velocidade, energia e furor. Mas à medida que os apitos se sucedem a velocidade e a energia abrandam. Não pode exigir-se à máquina humana um trabalho que ela não comporta. Aponte-se portanto: no Lumiar começou a jogar-se muito bem, e bem acabou a jogar-se.

O team do Benfica deu-nos a sensação de perfeição. À sua maneira viva, e mexida, e de vibração, com base no sistema do *jogo rastelero*, se devem combinações curiosas, como desenho e ideia, espectáculo que agrada à vista, mesmo quando há abundância de passagens, defeito que se perdona pelo regalo que dá contemplá-lo. O seu grupo — enorme vantagem — não comporta, por enquanto, problemas a resolver (to-

dos os seus problemas se apresentam a distância). Tudo consiste em ajustar devidamente as peças para os movimentos do conjunto.

O problema do Sporting apresenta-se diferente. O clube vive a sua vida de necessária renovação, injectando num corpo combalido o sangue de reforço. Um trabalho desta natureza, tão delicado e difícil, não pode ser executado sem se verificar uma e outra das finações, sem prejuizo do conjunto. Daqui — algumas conclusões. A certeza de que o team ainda não adquiriu a estabilidade necessária, faltando a compreensão de unidade para unidade, uma das razões, em tempos idos, que o tornou célebre. Justifica-se, portanto, a adopção do passe alto no jogo sportinguista, provocada, em grande parte, pelo serviço dos novos médios à frente. Esta feição revelou, ao menos, o valor positivo do ataque leonino, conseguindo dar precisão às passagens executadas por alto.

Sporting e Benfica, para em tudo serem mais ou menos iguais, até adoptaram o mesmo sistema de marcação, cuja descrição está há muito feita. Mas o Benfica enveredou decididamente pelo caminho do ataque, adiantando dois dos seus médios, o centro e o da esquerda, o mais veloz, como convinha. E o Sporting deu-lhe uma feição de defesa, recuando um pouco o centro e o esquerdo da linha medular. Nem o Benfica esqueceu a defesa. Nem o Sporting o ataque. Certo e verdade. Mas a observação não deixa de ter por isso razão de ser. E razão de sobre. Julgamos a orientação do ataque melhor que a outra. Há muito que adoramos ao princípio: a melhor defesa é um ataque constante e perigoso.

O Benfica, ao imitar o Sporting, após o primeiro goal, cometeu uma imprudência — que não foi fatal por ter conseguido remediar-la. Nas condições em que decorreu a luta, *team* que empatou é *team* que ganha. Geralmente. E o Sporting empatou. Mas o que distingue o Benfica de todos os clubes portuqueses é precisamente isso. Fugir à regra. Ao que é vulgar.

O goal, a grande verdade do jogo

Um desafio sem goals, por mais belo, tecnicamente, fica incompleto. Falta-lhe qualquer coisa. Como a comida sem sal. Porque o goal é o grande momento. A hora da verdade. Nenhum fase do jogo emociona tanto como aquela do remate, em que se faz um silêncio profundo ao redor do rectângulo. Mesmo quando o remate nos parece a coisa mais fácil deste mundo. Em várias dessas ocasiões, no Lumiar, no dizer expressivo de um nosso visinho, todo o campo estremeceu, vibrando.

Avançado que não remate nunca pode ser um grande elemento. Ou muito raramente o será. Porque há avançados cujo terror de rematar é por demais evidente. Preferem, quantas vezes em melhor posição, dar a bola a um companheiro, afastando de seus ombros a responsabilidade do caso. Outros há que têm o verdadeiro engodo e sentido do remate. Às vezes — só isso. E esta qualidade é por si só tão valiosa que chega para destacar o jogador, o homem capaz, na hora da verdade, de afrontar a responsabilidade, dominando o próprio momento da emoção e angústia. Ao desafio do Lumiar nem sequer faltou o poder emotivo do goal. Completo!

A renovação das fileiras sportinguistas. Suas estreias.

Quando se estreia um jogador, a atenção prende-se mais nele, insensível ou propiamente. Quando um grupo se encontra em fase de renovação mais ainda se justifica esse in-

teresse. Ora o Sporting procede à operação. Nada menos de quatro novos enquadros: Albano, Jesus, António Marques e Eisen, os dois últimos em dia de estreia.

A adaptação de uma unidade num conjunto demora mais ou menos tempo, conforme as faculdades de cada homem. Conhecemos exemplos de inaptações iniciais que se tornam depois autênticos valores. O caso dos médios sportinguistas não é esse. Talvez por estarmos em presença de jogadores já feitos. Trata-se de homens que sabem dar pontapé, sabendo jogar. Elementos de fácil adaptação, em consequência. Marques tem a habilidade agarrada aos pés. Chuta com perfeição, e para onde quer. Isto não significa que seja de defender, em nosso critério, uma experiência importante como a do médio-centro, em jogo de responsabilidade. Mas isso é outro caso. Eisen, à sua maneira — há que aceitar as passagens com suas qualidades e defeitos, transformando éstas em utilidade, na medida do possível — desempenhou quasi cabalmente, e num grande alvoroço, o seu posto e o seu papel. E até justo que se saliente o valioso pormenor das suas largas passagens ao extremo-livreto, uma das variantes de jogo mais eficientes e lucrativas. Variante — tipo inglês. Quere dizer: o sangue que está a ser injectado no Sporting oferece todas as garantias. Pelo menos, à primeira vista...

Várias referências ao trabalho dos jogadores

Martins está em forma. A sua segurança impressiona. Quando mergulhou, no momento preciso, depois dos 2-2, ao pé de Peyroteo, deu porventura o triunfo ao seu grupo. Gaspar conseguiu muitas vezes a vantagem no duelo com o centro do ataque adversário. Porventura sem o fulgor de eras passadas, mas servindo muito bem ainda, pela sua experiência, tanto mais necessária quanto é certo que o seu visinho, a defesa de bom pontapé, ainda não adquiriu a necessária *souplesse*. Os dois Franciscos, Ferreira e Albino, pelo próprio estilo do seu jogo, destacaram-se mais do que Alcobia, o jogador sóbrio e operário honrado. Mas o conjunto medular portou-se à altura dos seus créditos. Nos avançados, o interior Teixeira ocupou o lugar n.º 1, bem merecido por aquilo que jogou e fez jogar, em fúria consciente, que na fúria também cabe a consciência. Júlio foi vítima da vigilância do defesa esquerdo. Pires, a alegria em campo, desenvolveu coisas boas, e também más. Manuel da Costa afirmou-se mais uma vez chutador. A habilidade de Rogério falta um pouco da característica alma benfiquense.

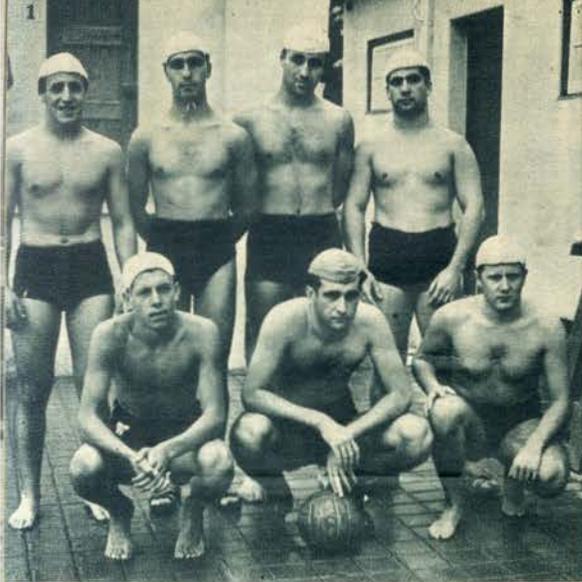
Aponta-se a diminuição de rendimento de Peyroteo. Repisa-se a coisa. Todos esquecendo que o seu magnífico jogo em perpendicular não tem sido favorecido pelos companheiros. Virtude em descanso. Porque Jesus mostra tendência, pelo seu fraco poder físico, para o *dribling* curto e pequeno toque na bola. Porque Armando Ferreira, bastante melhor do que nos primeiros domingos, ainda não tem nos pés a conta necessária a esta passagem. Por fim o seguinte: não esquecer esta coisa cosmesina e fundamental — não pode exigir-se a um jogador mais do que aquilo que deriva das suas qualidades e estilo. João Cruz trabalhou com vontade. Albano, pelos vistos, não quer abandonar a posição de n.º 1. Canário, porque dos outros médios já falámos, está a jogar francamente bem. O jogador que mais subiu foi Marques, que não só vigiou o avançado-centro contrário com grande perícia, mas melhorou no despacho da bola e na atenção do jogo da defesa, globalmente considerado, sendo o verdadeiro estêo do seu grupo, o arrimo a que a defesa se apoiou. Cardoso, sem grandes rasgos, cobriu bem o homem a seu cargo, vendo como devia as variadas situações. E Dores, com alguns lances pouco seguros, conseguiu, no entanto, boa média.

Uma carreira vitoriosa. O comportamento do Atlético, digno de nota

Já temos referido que os números nem sempre dão a realidade do que se passa em campo. Isolado, o resultado de 3-2 das Salésias parece destruir a boa impressão deixada pelo Atlético nas duas primeiras jornadas. Escrevemos que o clube da união podia ser um dos

(Conclua na pág. 15)

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



No torneio de «water-polo» patrocinado pela «Stadium»; 1 — A equipa do Algés, vencedora do primeiro encontro; 2 — Gustavo Pereira da Costa, que arbitrou o desafio; 3 — O grupo do Alhandra S. C., adversário do S. A. D. O «Torneio de Propaganda da Natação»; 4 — Os concorrentes a este torneio, organizado pelo Algés. Ciclismo no popular Eanfica: 5 — Grupo dos ciclo-turistas do S. L. B., reunidos na festa promovida para a entrega dos prémios que conquistaram na última época

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é fiel reflexo das atitudes artísticas e serve para anotar defeitos e virtudes

1— Henrique Costa, especialista do triplo-salto. — A fotografia corresponde ao passo intermediário.

1—A perna de impulsão conserva-se à rectaguarda, embora ligeiramente flectida pelo joelho, porque precisa de servir como agente auxiliar da projecção para o terceiro salto, executando então uma oscilação de traz para diante e para cima, idêntica à da perna livre na fase de chamada do salto em comprimento.

Vem a propósito relembrar o trabalho desta perna no estilo japonês (vide «Atletismo», capítulo do Triplo-salto) no passo intermediário: o joelho da perna posterior é puxado adiante, até a coxa ficar na vertical e a perna em ângulo recto, imprimindo ao corpo do saltador mais um impulso para diante, e depois estendida passivamente de novo à rectaguarda para executar a sua oscilação pendular final com a máxima amplitude.

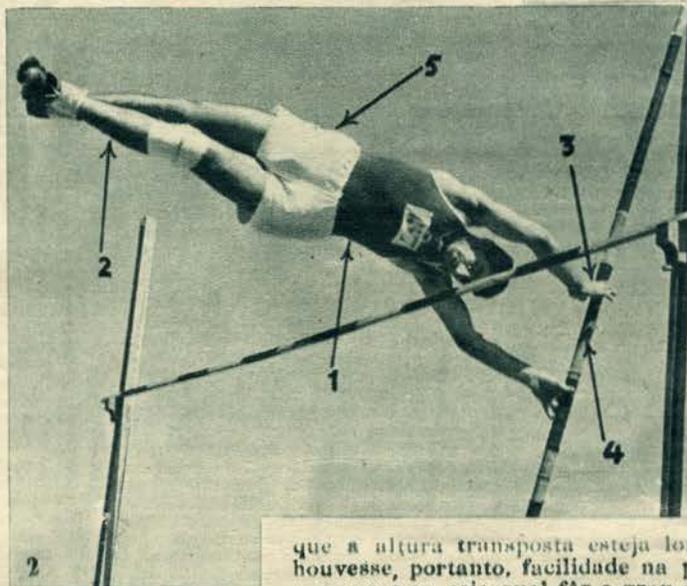
2—O joelho da frente foi bem atirado para cima, puxando o saltador, em reforço do impulso dado no momento de descolar pelo outro pé.

3—Também a posição dos braços corresponde às necessidades estatísticas e dinâmicas da atitude: o braço direito ajudou a impulsão e o esquerdo veio à rectaguarda para garantir o equilíbrio e começar de mais longe o movimento de colaboração na chamada para o último salto. No conjunto a posição do saltador pode considerar-se bastante correcta.

2— José Figueiredo.

1—A posição do corpo, cuja ascensão é satisfatória, peca pela apresentação de flanco à barra, o que significa defeito no trabalho das pernas.

2—...cuja posição é inversa do necessário: não houve golpe de tesoura (perna direita para traz e a esquerda para a frente), que é manobra indispensável para voltar o corpo do saltador de face para baixo.



3—A mão superior soltou-se da vara antes da outra, o que é erro fundamental. A mão que abandona primeiro o apoio na vara é sempre a de baixo, o que permite a extensão impulsiva do outro braço e, em consequência, ainda um acréscimo no movimento ascensional do tronco.

4—A vara é solta demasiado cedo, pois o seu movimento de subida para a barra não terminou (a inclinação sobre a vertical é ainda bastante apreciável) e nestas condições é fácil o derrube do obstáculo com os braços.

5—O saltador passa a barra com o corpo em extensão, omitindo a flexão angular das pernas com o tronco; é provável

que a altura transposta esteja longe do máximo do atleta e houvesse, portanto, facilidade na passagem. Mas o estilo deve conservar-se, seja qual for o grau do esforço.

3— Passagem de testemunho (estafeta 4x200 metros).

1—Fernando Ferreira partiu a devido tempo e parece bem lançado; a mão direita está atrás (escondida pelo corpo) para receber o testemunho, mas não se nota qualquer torção do tronco e a atitude do corredor mostra a certeza na transmissão e o esforço dominante de embalagem.

2—...sendo apenas estranha a posição do joelho esquerdo, demasiado flectido e desviado para fora do eixo de corrida, certamente porque o pé assenta em abdução.

3—O companheiro que lhe entrega o testemunho, com a mão esquerda como querem as regras, abrandou já a corrida — antecipadamente, o que se deduz da posição erecta do tronco e do abandono do braço direito, pendente.

4—A posição de João Jacinto é estranha: tronco demasiado flectido à frente, com o pormenor favorável de nenhuma torção; a flexão simultânea e exagerada dos dois joelhos em plena fase de suspensão é resultado da preocupação de certa escola pelo chamado «estilo curto» nos primeiros passos de corrida correspondentes à fase de aceleração, preocupação que traz em consequência a impossibilidade lógica do desenvolvimento da passada.

5—A mão direita vai já para traz em posição de agarrar o testemunho: polegar afastado dos outros dedos e do lado interior, palma da mão voltada para traz e formando goteira, onde virá chocar o taco.



Coisas esquecidas...

SALVO erro, parece que há uma determinação da Federação de Futebol que obriga clubes, jogadores e árbitros a dar começo aos jogos a hora precisa, assim como condiciona a duração dos intervalos.

Pois parece que tal determinação está sendo feita morosa quanto aos encontros de futebol que se estão disputando no campeonato regional norte-nordeste. Não sendo frequentes os atrasos no começo dos jogos, como também, em consequência da hora tardia a que começam os dos categorias inferiores, os desafios se arrastam indefinidamente, motivando o início das categorias de honra para hora bastante adiantada sobre aquela que é estabelecida nos calendários.

Este pormenor parece estar esquecido, ou em desuso, e bom seria que ele fosse revisto em ordem federativa, porque temos todos a ganhar: público e jornalistas.

No domingo que correspondeu à 2.^a jornada houve jogos que começaram 25 minutos depois da hora marcada, o que só causa embaraços para quem tem muito mais que fazer.

De resto, a obediência e o cumprimento dos horários estabelecidos só pode denotar mero princípio de disciplina, que é tanto de exigir no comportamento como na assistência.

E já que estamos a falar de expectativas, queremos também referir um princípio que citá muito em uso nos nossos campos: o atraso que se regista na presença em campo da turma da casa — precisamente ao contrário dos preceitos da etiqueta...

Quasi uniformemente, o grupo que vem de fora é o primeiro a apresentar-se em campo. Depois é a espera pelas locais, por muito que o árbitro opte pela comparação.

Isto significa uma falta de cortezia, não só pelo seu adversário como também pelo público. Não há, nem pode haver, razão que justifique, ao grupo local, o apresentar-se no terreno com minutos de atraso sobre o seu competidor.

É um pequeno nada. Mas porque estamos em maré de acertar o passo, bom seria que esse acerto se reflectisse em todos os pormenores, mesmo naquelas que não parecem dignas de referência...

ROBERTO AMIAL

Notas sem... valôr

UM pouco melhor, quanto ao aspecto financeiro, a segunda jornada do campeonato regional. Nos três campos havia mais espectadores. Com o agrupamento dos jogos, de vantagem para os clubes portugueses, a receita de bilheteira — o ponto mais importante — aumentava consideravelmente. Um «capricho», bem caro para os defensores do desporto-rei...

Assistimos por vezes, e por mal dos nossos pecados, a jogos bastante aborrecidos, pelo «association» desenvolvido por algumas equipas... Como propaganda da modalidade, não corresponde, evidentemente, ao «desejo» dos mentores do desporto norte-nordeste. Assim, a época 1943-44, há pouco iniciada, tem de seguir outro ritmo, muito diferente do objectivo dos propagandistas do futebol.

O «pânico» nas hostes portistas não tinha razão de ser, porquanto a equipa de honra está a cumprir — e de forma muito satisfatória. Dues «castanhas» aplicadas aos dois adversários, com um pouco de «chance». Tanto o Académico como o Leixões têm grupos para «agilizar» o péso do da Constituição. A maior «vitima», pelas circunstâncias apresentadas — a desorganização do grupo, por ter jogadores castigados — foi, sem dúvida alguma, o Académico. Todavia, a vitória do Futebol Clube do Porto tem merecimento e justifica-se plenamente pelo seu melhor conjunto futebolístico.

Nas experiências dos novos «recrutados», vindos da margem sul do Tejo, falhou o «tiro». No dia seguinte ao torneio, os dois jogadores do Barreiro tinham na mão o «passaporte» de marcha... Era «mercadorios» muito fraco, sem estabilidade para o clube do norte.

A posição do Salgueiros no campeonato regional — empatado com o Porto, até à segunda jornada — motivou já a reacção nos directivos. Fixou-se, novamente, uma localização

Stadium na Capital do Noite

ATLETISMO

Falemos do Académico...

O clube proprietário da admirável pista do Lima tem sido até hoje — isto é inegável! — quem mais e melhor tem trabalhado pelo atletismo norte-nordeste. Desde a construção da pista de cinza, sem a qual não seriam possíveis a maioria dos nossos «recordes», até à preparação de atletas da categoria de José Prata de Lima, Herculano, Cadete, Lima Marques, Almeida, Alberto Cunha, etc., mais não era possível fazer-se. O Académico tem cumprido, como nenhum, o seu dever! E Roberto Machado, dedicado treinador, pode orgulhar-se da sua grandiosa obra, sem igual no nosso meio.

Mas as colectividades, como as pessoas, têm as suas horas más, as suas «crises», e a equipa atlética do Académico está, precisamente, a atravessar um momento crítico, que, dadas as possibilidades de que dispõe, pode remediar sem dificuldades de maior. Estamos mesmo certos de que a dedicação insofismável de Roberto Machado, e o amor clubista dos seus associados, falarão claro na próxima época.

O ano de 1943, porém, foi «pardo» — pode dizer-se — para os atletas do Académico: traduziu-se por uma só revolução — a de Francisco Coutinho Monteiro. Pouco cuidado, portanto, na criação de gente nova, trabalho

concelhia, fora do meio, para novo entendimento com um «fugitivo»... Encarregou-se dessa missão o ex-presidente da direcção, a individualidade mais indicada para solucionar o «caso».

— Calliou ao Vasco da Gama a primeira transferência de jogadores. Um dos «filhos» do grémio da rua de Alexandre Herculano foi de abalada para o meio universitário — Coimbra... Mas há mais, segundo nos informam... Vamos ter, possivelmente, muitas desilusões no «basket-ball».

— O campeonato promocionário vai ter larga concorrência de grupos. Há muitos «perdidos» de inscrições de agrupamentos novos — dos principais bairros da cidade. Presta a Associação do Porto, com todo o carinho, aos «modestos» servidores do desporto, a melhor das atenções nos esclarecimentos solicitados.

— Para além da ponte, em um centro de desporto muito amplo, tem havido clara ideia de «saber» orientar os clubes. Com «recursos» fracos, dentro das proporções dos clubes, os galeenses apresentam nos «coisas» perfeita — uma obra administrativa bem organizada.

— O «basket-ball», mercê da organização Porto-Vasco da Gama, enrou em movimento com os jogos do campo da Avenida, de que participa o campeão de Lisboa, o Atlético Clube de Portugal.

— Vamos ter «coisas bonitas» no «hand-ball». Fala-se já na transferência de um «caso» — a maior «trela» do seu clube... É um atleta bem constituído e muito completo...

— Comenta-se a inclusão de Camilo, ex-defesa do Espinho, no grupo do F. C. Porto. Uma «porta falsa» não foi, porém, bem prevista, por má interpretação do regulamento — diz-nos um categorizado dirigente do Espinho. O clube da Associação de Aveiro tem já uma «sresposata» da Federação de Futebol à-cerca do jogador Camilo.

— O Salgueiros, no início da época, tem a seu lado boas dedicações para enfrentar todos os obstáculos. Sem fazer «barulho» no meio — dar alarde aos seus adversários — arranja «coisas» boas sem dificuldades de secretaria. A «diligência» na Vila da Feira, quanto a um «extremo esquerdo, rapaz muito novo, com «pinça», confirmou em absoluto os seus créditos.

indispensável para o progresso da modalidade. E, nesse capítulo, o F. C. do Porto foi-lhe superior em muito. Tanto, que a história do atletismo português não regista caso idêntico.

Em «estranos», principiantes e juniores, o Académico teve um único atleta, além do acima apontado, capaz de ombrear com os adversários: o francês Gérard d'Alexandry, que não pode ser tomado em consideração nestes comentários, não só porque no momento em que escrevemos já não deve estar entre nós, mas também porque a sua ««-cola» não era verdadeiramente «academista».

Portanto, o clube do Lima não nos deu, esta época, revelações capazes de manter os brilhantes pergaminhos da colectividade. Mas não faltam por já rapazes com habilidade — e é precisamente por isso que acima dizemos dever modificar-se na próxima época tal estado de coisas. Macleira, Laurentino e Costa Almeida são três jovens com condições físicas a aproveitar. O nome de Côrtes também deve ser lembrado, assim como outros, entre os quais um habilidoso discípulo de Cadete, que se bem assimilar as preciosas lições do «mestre» poderá obter boas «marcas».

Como se verifica, o panorama não é assim tão desanimador como à primeira vista parece. Por isso mesmo, repetimos, a boa-vontade de todos os academistas fará desaparecer a «crise» verificada na época que acabou.

Quanto aos seniores, o Académico tem ainda possibilidades de firmar-se em bom pósto, mas mercê do esforço de atletas que estão à beira da despedida, uns, e sem possibilidades de progredirem, outros. Herculano, por exemplo, o homem que dá sempre ao seu clube dois campeonatos... Mas este retirou-se da actividade — e Roberto Machado precisa de preparar substituto à altura...

A pesar de tudo, o Académico esteve presente, e isso era o essencial, pois traduz que na colectividade continua bem sólido o gosto pelo atletismo. E isto é o que interessa.

No próximo número, para complemento desta análise que estamos fazendo a actualização das diversas equipas, falaremos do Salgueiros, do Académico de Braga e do Operário. Em seguida, faremos a comparação dos resultados gerais desta época com os das anteriores.

EDUARDO SOARES

Mais um...

O Sport Clube de Penafiel

está sem campo!

DEPOIS do Leça, apareceu-nos agora o Sport Clube de Penafiel sem possibilidades de apresentar o seu campo de jogos para o respectivo campeonato, vindo-se por isso na necessidade de recorrer ao do vizinho — Paredes.

Mas o «caso» de Penafiel toma aspecto mais grave, pois a situação que o clube daquela cidade atravessa deve-se exclusivamente à péssima orientação de pessoas «entendidas» em questões de desporto, que por mera vaidade e exhibicionismos tolos telamaram em construir um pseudo-estádio, onde já estão gastas centenas de contos (!) — e onde não se pode ainda jogar futebol!!!...

E isto quando a cidade dispunha de um razoável parque de jogos, com condições excelentes a aproveitar — obra grandiosa, construída à custa de enormes sacrifícios por um illus-

DR. ALVARENGA

(Conclue na pág. 14)



A ESTRUTURA DA VELOCIPEDIA PORTUGUESA NECESSITA SER REMODELADA

O ciclismo de competição, modalidade já com tradições e grande voga em Portugal, não deixaria de sofrer, como tantos outros desportos, na época de transição que atravessamos, uma modificação, maior ou menor, na sua estrutura geral, embora menos ampla que noutro qualquer desporto, pois a vida da velocipédia é singular em paralelo com outras modalidades. No entanto, impõe-se uma remodificação — estamos certos de que ela está no espírito das pessoas que dirigem hoje superiormente o desporto português.

Essencialmente pobre no capítulo receitas e oneroso no que diz respeito à sua prática regular para obtenção de bons resultados, o ciclismo não pode existir, não progredirá tecnicamente nem se desenvolverá sob o ponto de vista expandido, sem ajudas indirectas, sem determinadas concessões ou variados auxílios de ordem material. É assim na França, Itália e Bélgica, países onde a velocipédia é de porte-rei; é assim na Alemanha, na Inglaterra e na Holanda, onde o ciclismo ocupa também lugar preponderante como elemento de economia nacional; é assim até nos países onde conseguiu menor projecção, no conjunto das modalidades, tal como em Espanha, Luxemburgo, Suíça e Dinamarca.

Em todas estas nações, o ciclismo, sobretudo o de competição, tornou possível o desenvolvimento de determinados sectores industriais e comerciais — mas em contrapartida recebeu dos mesmos sectores auxílio tal que lhe permitiu vida próspera, desafogada.

Pode assim comparar-se o ciclismo, pelas suas características especiais, ao automobilismo — apoiado nas fábricas construtoras de automóveis; ao hipismo, com o seu auxílio base nos organismos militares e do Estado; e ao tiro ou à vela, modalidades que, se contassem exclusivamente com as benesses dos seus praticantes e dos clubes (embora estes formem quasi um núcleo social privilegiado), não poderiam ter a voga e o desenvolvimento que possuem.

São, assim, aquelas circunstâncias que determinam, especialmente para o ciclismo e para outros desportos mecânicos, uma vida como que à parte das restantes modalidades. E foi também por tais circunstâncias que a velocipédia se expandiu pelo mundo civilizado, sempre com cunho de absoluto desportivo, mas beneficiando de ajudas directas ou indirectas de organismos e entidades absolutamente estranhas a clubes desportivos — e até ao próprio desporto em geral.

Foram os grandes jornais americanos que «lançaram» os famosos corredores major Taylor e Zinckermann, autênticos pioneiros das corridas em pista. Foi um jornal francês, «Velo», numa altura em que quasi se não havia concebido a ideia de clubes desportivos, que promoveu a primeira «Volta à França», competição base de quasi todas as corridas de estrada. Foram ainda as fábricas de produtos para automóveis que tornaram possível o aperfeiçoamento da bicicleta — e têm sido indivíduos leigos em assuntos desportivos que se lançaram na construção da maioria dos velódromos e pistas existentes, recintos que tanto contribuíram para o desenvolvimento do ciclismo.

É certo que cabe aos clubes a tarefa de coligar esforços, reúnir elementos e criar espírito de unidade em todos aqueles que formam a pleiade dos «atletas do pedal». Deve-se às colectividades desportivas, em grande parte, sobretudo nos países onde não predomina ainda a ideia de que o desporto não é só função de vitórias, a criação da indispensável rivalidade, fulcro geral do interesse das competições. Mas isto não desmente, não contradiz

a necessidade que existe de o ciclismo viver amparado a sectores estranhos aos clubes.

Nos últimos tempos, a própria história da velocipédia lusitana é concluída a favor de tal necessidade. No domínio da expansão, foi o jornal «Diário de Notícias» e a sua edição desportiva «Os Sports», com uma casa comercial, a «Olympique», os dois primeiros alicios a clubes e bicicletas e a última sem que do facto tirasse proveito material, que criaram e puseram de pé as maiores organizações velocipédicas do nosso país — as «Volts a Portugal» e o «Grande Prémio Olympique». No campo da actividade, à excepção do Sport Lisboa e Benfica, que se manteve na brecha mas cedeu por falta do necessário apoio, e do Sporting Clube de Portugal, mais ou menos ajudado pelo facto de possuir a única pista de Lisboa, — não são os chamados clubes de desporto que têm amparado o ciclismo. Os agrupamentos de real valor têm surgido, sim, mas com vida moldada em relação com as necessidades da velocipédia: o Grupo Ciclo-Turista Vilar, que tornou possível o ressurgimento do ciclismo norteño; o Velo Clube «Os Leões», que tinha como patrona uma firma comercial; e o Desportivo de Sangalhos e o Desportivo «A Iluminantes», ambos nas mesmas condições.

Por tudo isto, ocorre perguntar: pode o ciclismo nacional sofrer uma remodelação baseada nos princípios adoptados para qualquer outra modalidade?

Julgamos que não. A estrutura do ciclismo é diferente da que se verifica em quasi todos os outros desportos.

GIL MOREIRA

CURIOSIDADES

De sapateiro... a rival de Marcel Cerdan

OMAR KOUÏRI é um nome desconhecido para a maioria dos portugueses adeptos do pugilismo. E, todavia, não há ainda muitas semanas, viu-se noticiado que o campeão de «enchaço» Marcel Cerdan — nessa altura muito «souto» — ia pôr os seus títulos de campeão de França e da Europa em jogo contra o muçulmano Omar Kouïri.

O combate chegou a estar aprazado para 15 de Novembro do ano findo, em Argel, mas — é quasi de esquecer — não foi — os territórios franceses do norte de África foram então teatro de importantes acontecimentos.

A notícia constituía, sem dúvida, a melhor credencial do valor de Kouïri. E por que assim é e porque a carreira do «boxer» argelino pode considerar-se brilhante, a sua biografia desportiva é hoje posta a esta espécie de «curiosidades».

Omar Kouïri é figura silente da «Union Sportive Musulmane de Maison Carré» — um autêntico viveiro de campeões de «boxing», onde se evidenciam, ainda, o esperançoso amador Bonaziz e os profissionais Allouche e Sibiane, há pouco candidatos, respectivamente, aos títulos nacionais de «boxer» e «minimo».

Cerca de sessenta «boxeers», muitos dos quais ainda bastante jovens, experimentam na U. S. M. C. as suas aptidões, ensaiando ali, sob as vistas de Areski, os primeiros passos da «nobre arte».

Diga-se que o conhecimento técnico deste treinador e o entusiasmo e aplicação dos seus pupilos contrastavam com a modestia do local e das instalações da «Saiat».

Kouïri viu a luz do dia no popular bairro argelino de Maison-Carré, em 1916. Ainda rapa-

Vitor Guilhar

CONSTITUIU surpresa para muita gente o facto de Vitor Guilhar, conhecido internacionalmente de futebol e antigo defensor do F. C. Porto, ter assinado ficha por outro clube quando havia muitos que pensavam voltar a vê-lo envolver a camisola azul-branca, que «vestiu com gallardia, com honestidade, com dedicação sincera».

Longa série de factos motivou como que o desinteresse do clube da Constituição.

O Salgueiros, afoito fez esplêndida aquisição, muito embora haja quem já pretenda afirmar que o jogador era uma nulidade. Isto de mudar de camisola, tem, por vezes, destas «consequências»...

Vitor Guilhar era assediado por alguns grupos do Porto e de Lisboa. Já depois de assinar a ficha pelo Salgueiros, foi recebido na A. F. P. um telegrama para este jogador, oriundo de Lisboa, no qual o mesmo era convidado a fechar contrato por um grupo da capital.

Houve quem pretendesse vêr nesse telegrama — santa ingenuidade! — uma ordem superior determinando a «impossibilidade de Vitor alinhar por outro clube que não fosse o F. C. Porto»...

Ora isto só significa que, apesar de tudo, Guilhar tem valor.

Teve o F. C. P. tempo e retempo — como se diz — para resolver a sua situação com o jogador que dispensara. Não o fez, porque não quis, não pôde ou não lhe interessou.

Outros foram mais ladinos. Bem haiam, porque os portugueses terão assim a satisfação de o verem ainda nos seus campos, onde a falta de Guilhar se notaria sobremaneira.

Não podem censurá-lo. A incorrecção, responde Guilhar com serenidade digna de louvôr. Acima de tudo estava o F. C. P. Mas se este o não pretendia, deveria estar à espera? Haverá quem possa queixar-se de um empregado que, despedido pelo seu patrão, fica aguardando o «reaparelamento» deste, que não surge, e só depois é que procura nova situação? Não.

Demais Guilhar deixa de se profissional. Será como amador que jogará de futuro. E com Corqueira a seu lado, a cidade do Porto deve ficar com o mais completo par de defesas do norte.

zete, a sua fama de lutador corajoso tornou-o conhecido.

Chamavam-lhe já o «pequeno campeão» quando Areski o «descobriu» e levou para o seu ginásio. Depressa as qualidades de Omar se revelaram. Três combates como amador — e eis-lo, logo, feito profissional. O seu primeiro combate foi travado contra Cerdan, em Rabat. Mas a sua carreira pugilística não estava francamente aberta. E Omar teve de manter, durante algum tempo mais, a sua primeira profissão de sapateiro...

Em 1937, Kouïri teve perloho áureo. Batendo, por duas vezes, Pernot, entio em excelente forma, ganhou o título de campeão da África do Norte. E, pouco tempo depois, conquistava também o título de campeão da França, em «enchaço», vencendo nitidamente Rebel.

No ano seguinte voltou a defrontar Cerdan, perdendo aos pontos, com justiça. Mas daqui nasceu a rivalidade Cerdan-Kouïri. Mais tarde, Omar mediou forças contra Raphaël e Lontelli, sem esquecer um «raids» a Berlim para defrontar Eder.

O futuro de Omar Kouïri apresentava-se sobremaneira prometedora quando a guerra alastrou ao norte de África. O argelino encavava confiadamente o seu terceiro encontro com Marcel Cerdan e pensava ir seguidamente a França, para se bater com o campeão da zona ocupada, Walter Momber.

Se o combate com Cerdan lhe fosse desfavorável, Omar pensava passar à categoria de «leves», pois julgava-se à altura de conquistar o título de campeão da Europa nesta categoria.

Todos os seus projectos, como os de tantos outros pugilistas, ficaram, porém, para o fim da actual guerra.



COM O EMPATE NO

1.º SPORTING-BENFICA da ÉPOCA

do

BELENENSES

Stomom o COMANDO...



SPORTING-BENFICA: 1— Graças à coragem de Martins, Peyroteo perde a oportunidade de marcar o "goal" da vitória! 2, 3 e 4— Uma bela série de instantâneos que focam o desenrolar de uma fase emocionante: Martins desarma audaciosamente um avançado "leônico" e fica "embrulhado" no chão; levanta-se rápido e recupera a bola, sacudido pela "barreira" feita por um companheiro; por fim, passado o perigo, vai despachar perante a ar sorridente de Peyroteo — tudo isto colhido em dois segundos pela "Leica" de Nunes de Almeida! 5— João da Cruz vai "disparar" o remate que lhe dando a 1.º "goal" da tarde... 6— Virgolino e Gaspar Pinto em luta clássica. FÓSFOROS-UNIDOS: 7— Uma fase do jogo de Marvila (foto C. Madalva). BELENENSES-ATLÉTICO: 8— Armando Jorge acaba de "mergulhar" aos pés de Queteman; 9— Um defesa do Atlético antecede-se com êxito à chegada de Armando Jorge (foto J. Manique).

O balanço de uma época em que o valor médio continuou a baixar

por SALAZAR CARREIRA

A temporada de competições atléticas está terminada praticamente, pois alguma organização parcelar que venha ainda a efectuar-se pouca influência poderá exercer sobre o aspecto global do ano e apenas será de aplaudir pelos seus eficazes propósitos de propaganda.

Aceita-se, portanto, como lógica, a oportunidade para proceder à análise da época, classificá-la na linha geral da existência do atletismo português e estudar-lhe os ensinamentos, esperanças e desilusões.

Falando desapaixonadamente, somos forçados a reconhecer que os motivos de apreensão superam largamente as causas de agrados; o nosso atletismo não progrediu — nem em classe, nem em expansão, nem em profundidade. Fez-se propaganda intensiva unilateral, ditada pela simpatia, em vez de o ser pelo interesse colectivo — que outro tanto é dizer nacional — e a consequência foi uma quebra do valor-conjuncto que mais acentuou o desequilíbrio procurado sem outras preocupações.

Vamos enumerar os factos nos quais fundamentamos esta opinião: 1.º — o número de clubes praticantes da modalidade não aumenta, antes diminui, com o agravamento de perder terreno a expansão do atletismo dentro da grande maioria das agremiações ainda activas; 2.º — a média dos resultados conseguidos pelos vencedores do ano acentua o declive da baixa de valor já verificada nos anos precedentes; 3.º — o número de atletas concorrentes às provas oficiais mantém-se igual ao que tem sido nos últimos anos, e inferior ao que já foi em tempos passados; 4.º — o calendário da época última cinge-se apenas aos torneios oficiais e a iniciativa particular desapareceu.

Nenhuma destas afirmações carece de demonstração, porque correspondem a factos do domínio público, nos quais não interferiu o critério pessoal do cronista.

O atletismo lisboeta conta duas equipas, o portuense outras duas: Benfica e Sporting, Académico e F. C. do Porto. Os restantes clubes lutam com elementos isolados e não conseguem apresentar uma equipa que traduza a existência de escola própria em actividade produtiva. Regista-se, apenas, na coluna do «haver», o recrutamento de interesse dos académicos de Coimbra, excelente foco de progresso para a modalidade.

Os dois principais núcleos da capital lutaram com sorte diversa, mas ambos cumpriram o seu dever muito mais niveladamente do que mostraram os tais críticas unilaterais: o número de novos apresentados por qualquer deles foi aproximado, embora os «encarnados» afirmassem melhor rendimento. Vejamos o que dizem os números.

Nos campeonatos de estreantes participaram 24 benfiquistas e 24 sportingistas: o recrutamento não podia ser mais equilibrado. Pelo ano adiante, o Benfica apresentou mais 13 principiantes, 18 juniores e 17 seniores; o Sporting, 7 principiantes, 14 juniores e 15 seniores. Total: Benfica 72 homens; Sporting 60 homens, números em que admitimos a possibilidade de erro de algumas unidades, mas que ficam muito longe das fantasiosas centenas reclamadas.

A descida de valor médio do atletismo português é posta em evidência pelo confronto das médias em pontuação finlandesa, tomadas sobre as melhores marcas nas 17 provas individuais do programa oficial; já em passada crónica exibimos na «Stadium» um gráfico muito elucidativo.

A média de 1943 é de 663 pontos; igual à de 1932 e inferior a todas as registadas desde 1935. Onde está então o progresso?

Na prosápia de alguns e na inóccência de outros.

Mas a verdade — aquela verdade simples que não é de A nem de B, mas é a verdade de toda a gente, a única verdade — difere infelizmente muito, na prática, da teoria.

O afastamento de alguns valores de primeiro plano, por motivo de obrigações militares, causou prejuizo que não foi compensado

pela ascensão de novos recrutas. A média, prova por prova, é na grande maioria inferior à do ano passado: exceptuam-se os 100 e 200 metros, os 110 metros barreiras, e os lançamentos de disco, dardo e martelo. Confessemos que é pouco.

Para conclusão desta primeira apreciação, vamos dar a lista dos três melhores resultados da época nas várias especialidades, indicam o entre parêntesis a pontuação finlandesa correspondente à melhor.

100 metros: Fernando Lourenço (Sp.), 10,8 s. (902); Alfredo Abrunhosa (Sp.) e Manuel Nuncio (Sp.), 11,1 s.

200 metros: F. Lourenço (Sp.), 22,5 s. (817); M. Nuncio (Sp.), 23 s.; Abreu Lima (A. C.), 23,2 s.

400 metros: Matos Fernandes (Bf.), 51,8 s. (775); João Jacinto (Sp.) 54 s.; Alberto Afonso (Bf.), 55,8 s.

800 metros: João Jacinto (Sp.), 2 m. 7 s. (655); Coutinho Monteiro (A.), 2 m. 7,6 s.; Matos Fernandes (Bf.), 2 m. 8 s.

1.500 metros: Coutinho Monteiro (A.) e Armindo Pereira (Bf.), 4 m. 23 s. (655); Jorge Azevedo (Bf.), 4 m. 23,1 s.

5.000 metros: Manuel Nogueira (Sp.), 16 m. 34,2 s. (633); Manuel Gonçalves (Bf.), 17 m. 10 s.; Bernardo Silva (Salg.), 17 m. 27,7 s.

10.000 metros: João Silva (Bf.), 34 m. 52,9 s. (632); M. Gonçalves (Bf.), 34 m. 59,8 s.; M. Nogueira (Sp.), 35 m. 4,6 s.

Barreiras, 110 m.: Fernando Ferreira (Bf.), 15,8 s. (804); Martins Vieira (Bf.) 16 s.; António Pereira (Bf.), 15,4 s.

Barreiras 400 m.: Martins Vieira (Bf.), 1 m. 2,1 s. (637); Luís Alcide (Bf.), 1 m. 2,6 s.; António Araújo (Sp.), 1 m. 3,2 s.

Altura: Matos Fernandes (Bf.) e João Durães (Sp.), 1 m 80 (786); Luís Alcide (Bf.), 1 m. 75.

Comprimento: Álvaro Dias (Sp.), 6 m. 47 (688); Abreu Lima (A. C.), 6 m. 42; Mota Capitão (Bf.), 6 m. 41.

Tripo: Luís Alcide (Bf.), 13 m. 59 (727); Moniz Pereira (Sp.), 12 m. 90; Renato Espírito Santo (Bf.), 12 m. 78.

Vara: Martins Vieira, António Santos, João Montalvão (todos do Bf.), 3 m. 30 (613).

Peso: Emídio Ruivo (Sp.), 12 m. 92 (708); Manuel da Silva (Sp.), 11 m. 73; Fernando Ferreira (Bf.), 10 m. 30.

Disco: Emídio Ruivo (Sp.), 37 m. 43 (637); José Luís Nunes e Silva (Sp.), 36 m. 24; Manuel da Silva (Sp.), 35 m. 35.

Dardo: António Cadete (A.), 50 m. 93 (605); António R.drigues (Bf.), 49 m. 43; Anselmo Pereira (Bf.), 44 m. 74.

Martelo: Bastorff Ferro (Bf.), 39 m. 63 (652); Manuel da Silva (Sp.), 37 m. 64; Herculano Mendes (A.) 37 m. 35.

REMO

As provas entre Companhias de Seguros

REFEREMO-NOS já às provas de remo a disputar entre representações das Companhias de Seguros.

A iniciativa foi acolhida, como não podia deixar de ser, com o maior interesse e entusiasmo por todos os representantes das companhias, tendo sido imediatamente eleita uma comissão destinada a tratar dos assuntos burocráticos (visto que a parte técnica fica toda a cargo da A. N. L.), formada por João Ribeiro Veludo, Evaristo Pereira da Silva e Joaquim Barata, respectivamente da Sociedade Portuguesa de Seguros, «Pré-servatrice» e Ultramarina.

Tem-se como certa a participação das companhias Sagres, Tranquilidade Portuense, Sociedade Portuguesa de Seguros, «Pré-servatrice», Fidelidade, Ultramarina, Trabalho, Comércio e Indústria, Tagus, Mundial e Império, número muito interessante e que deixa prevêr excelentes jornadas de propaganda.

A aprendizagem dos novos remadores tem

Que é e que poderá ser o

CLUBE NÁUTICO «MARE NOSTRUM»

A propósito das festas recentemente levadas a efeito na Cova do Vapor, destinadas a conseguir os fundos necessários para melhorar as suas instalações, parece-nos oportuno traçar em breves linhas o que foi e é o Clube Náutico «Mare Nostrum», e o que poderá ser, uma vez que disponha de maiores facilidades e meios de expansão.

O «Mare Nostrum» foi fundado por funcionários dos Hospitais Civis de Lisboa e, de início, exclusivamente destinado a estes. Criou rapidamente simpatias para ele convergindo depois funcionários de outros Ministérios. Quando da oficialização dos seus estatutos, a 1 de Abril de 1936, deixou de se fazer qualquer restrição à admissão de sócios, além dos usuais.

A principal finalidade do clube foi a de dar incremento ao desporto da vela. O problema do elevado custo das embarcações e os pesados encargos que incidiam sobre os seus possuidores, foi encarado de frente pelo «Mare Nostrum», construindo nas suas instalações modelos de barcos de preços acessíveis a toda a bolsos e concedendo facilidades para a sua aquisição.

A iniciativa teve tal êxito que, no curto espaço de 18 meses, construíram-se 60 barcos da classe «Borja» (grande parte dos quais concedidos a presentes e cinquenta escudos e em prestações mensais de cinquenta) e 12 da classe «Mare Nostrum», ou semelhantes. Mas o «Mare Nostrum» fez mais: a fim de evitar as despesas com a manutenção das embarcações, reduziram-se a 50% os encargos que normalmente recaem sobre os associados dos clubes congéneres, como sejam quotas, armazenagens de embarcações, etc.

As circunstâncias do momento actual forçaram o clube a abandonar as instalações da Mutela, suspendendo-se, por isso, a construção de embarcações. Com o objectivo de facilitar aos seus associados a vida ao ar livre, o «Mare Nostrum» estabeleceu colónias de férias. Dentro deste plano, construiu-se na praia da Cova do Vapor um posto náutico com acomodações para sócios solteiros e casados, onde podem passar as suas férias ou fins de semana, em local esplêndido para o efeito, não só pela proximidade do oceano, como por constituir magnífico abrigo natural para as embarcações. Não é tudo ainda: além do posto, tem o clube concedido facilidades para os seus associados construírem ali moradias próprias, e hoje, com 15 já erguidas, desenha-se como uma pequena aldeia...

Tendo visto arrazar-se o seu posto de Pedrouços, quando do ciclone de Fevereiro, o «Mare Nostrum» não abdicou da ideia de voltar a possuir outro na margem norte, tanto mais que a quasi totalidade dos seus sócios reside ali.

Colectividade importante, de trabalho honesto e são, o «Mare Nostrum» merece ser amparado pelos bem intencionados. Não é um clube eclético. Especializou-se, e o facto, podendo à primeira vista parecer um benefício, é uma dificuldade para vida desafogada.

Mas os seus dirigentes, homens de mar, de antes quebrar que torcer — dentre os quais se destaca o principal fundador do clube, Jorge Gomes da Silva Pinheiro — sabe-lo-ão conduzir com a mestria e segurança até agora reveladas, não sendo de surpreender que o «Mare Nostrum» se guinde a um primeiro plano, de que estamos bem necessitados no ramo «desportos náuticos»!...

seguido metódicamente na A. N. L. De Outubro até às regatas, naturalmente em meados de Novembro, intensificam-se os treinos e limam-se elementares arestas — que o remo é totalmente feito delas.

Está a criar-se um ambiente extraordinário em redor das provas, às quais a comissão organizadora pretende dar o maior relevo, convidando entidades oficiais, imprensa, representantes do Sindicato e do Grémio, etc.

Após o festival será oferecido um almoço, tanto quanto possível em restaurante perto do local das regatas, durante o qual serão distribuídos os prémios.

É assim que se conquistam adeptos. Boa e sã propaganda. Bem haja a A. N. L. pela sua iniciativa!

MATOS MOURA

fala-nos de «hand-ball»

JOGADOR e dirigente de «Os Treze» — um clube que, apesar de todas as contrariedades, não desiste de prestar os seus serviços, sempre úteis, à causa desportiva — Matos Moura é, possivelmente, um dos melhores elementos das equipas lisboenses de «hand-ball».

Começou a praticar desporto aos 12 anos, no Maria Pia, e logo se evidenciou no «team» de futebol daquela Escola Profissional, verdadeiro viveiro de atletas; depois foi parar aos grupos infantis do Sporting... Mas a carreira de Matos Moura é longa e brilhante: jogou futebol no Asilo Maria Pia, no Sporting, no extinto Académico e, mais tarde, no Carcavelinhos; fez «basket-ball» pelo Maria Pia, Lisgás, Internacional, Gmnásio Lis (de Leiria), Atlético e de novo pelo Maria Pia S. C., pelo qual joga nesta época; praticou «hand-ball» no Académico e defende agora as cores de «Os Treze»; envergou, na qualidade de corredor pedestre, as camisolas de «Os Treze», Benfica e Sporting; como «ping-pongista», ganhou um campeonato popular — pelo seu actual clube, que é o eleito! — emparceirando com Palhares Costa e Teodoro Garcia; jogou também «rugby» e «volley ball» no Belenenses. Mas é no «hand-ball», principalmente, que a sua estrela brilha com esplendor...

Em suma: conheceu «meios» diferentes e tem praticado múltiplos desportos; envergou «jerseys» de várias cores. Mas, apesar de tantas viagens através dos diferentes «meios» por que tem andado, Matos Moura é fiel à bandeira do antigo clube de Pedro de Andrade e de tantos outros amigos devotados da colectividade: o Grupo Desportivo «Os Treze». A miragem dos grandes clubes não o seduziu — e conserva-se fiel a um clube pequeno mas trabalhador.

* * *

Na sua dupla qualidade de jogador e de dirigente, Matos Moura — que foi campeão nacional, em atletismo, e regional em «basket-ball» — vai falar para a «Stadium» à cerca do estado actual da modalidade preferida entre tantas: o «hand-ball».

— Joga-se talvez mais, actualmente, com sentido mais perfeito dos resultados a tirar da prática deste desporto, mas com menos elegância! Quero dizer: o rendimento é possivelmente maior; todavia, a beleza do jogo perde com isso. Temos elementos de reconhecido mérito, como Trindade, que é um bellissimo jogador e talvez o novo de mais futuro, e devemos, sem sombra de dúvida, acreditar nas possibilidades de expansão do «hand-ball».

«O meu clube — e digo assim porque muito o estimo — quer voltar a figurar entre os melhores. Trabalha-se para o conseguir — e como esperamos que o «velho» Pedro volte...»

Moura deixa a frase em suspenso; porém, nós compreendemos perfeitamente até onde elle quer chegar. Mas logo prossegue:

— A criação da Direcção Geral dos Desportos veio dar-nos melhores condições de vida. Acabaram-se as «viagens». E isso é um bem, principalmente para os clubes chamados pequenos. Na próxima época, «Os Treze» apresentará a mesma genite; essa circunstância permitirá-nos aguardar o futuro com inteira confiança, sabido que o conhecimento das qualidades de cada um proporciona melhor conjunto ao «team»; as mudanças frequentes no xadrez das equipas e a entrada de outros com quem não se está habituado — é prejudicial a qualquer.

«No capítulo de arbitragens, também as coisas devem levar outros rumos! E tanto bastará para o aperfeiçoamento natural da modalidade — e para o seu prestígio, a impôr pelos praticantes ao público.

Acabara a entrevista — curta mas interessante, pelas declarações de Matos Moura, um jogador que é dos melhores do país e de quem Fisker — um dos mais categorizados jogadores alemães que estiveram, há anos, em Lisboa — disse ser o português com mais habilidade e domínio de bola...

J. M.

No primeiro desafio para a taça «Stadium» o Algés venceu o Alhandra por 12-0

COMO a fénix lendária, o «water-polo» renasceu das próprias cinzas. Cinzas de uma lareira que já foi grande, que o Algés nunca deixou de todo extinguir, e que o Alhandra vem, agora, também, ajudar a reacender...

E renasceu da melhor maneira possível — digamo-lo desde já.

Aos organizadores interessava, acima de tudo, que o encontro decorresse em ambiente de puro desportivismo e de correcção. Assim se verificou, de forma a exceder a mais optimista expectativa. Ficou provado, de maneira eloquente, que o «water-polo» pode proporcionar bons espectáculos desportivos, plenos de animação e de dinamismo, uma vez que todos se compenemem da maneira como devem agir desportistas na verdadeira aceção do termo. E o desafio inaugural foi de facto um encontro entre desportistas.

Antes de principiar o jogo, o sr. dr. Oliveira Duarte, presidente da Federação Portuguesa de Natação, com a autoridade de antigo jogador internacional de «water-polo» e com o prestígio de dirigente de primeiro plano, aconselhou os componentes de ambos os grupos a que não se afastassem das normas que caracterizam os verdadeiros praticantes do desporto, e expôs as intenções da Federação a que preside ao promover o torneio que «Stadium» patrocina.

Acontecimentos da Semana

ATLETISMO — Promovido pelo Sporting de Alenquer, realizou-se, naquela vila, um torneio de propaganda para atletas da região, registando-se resultados apreciáveis.

— Em Estocolmo, a Suécia venceu a Dinamarca, por 120-72 pontos.

CICLISMO — O Benfica promoveu, no Campo de 28 Maio, um festival que constou de várias provas velocipedicas, «gymkhans» e ainda de uma homenagem ao mais velho dos cicloturistas do clube, o veterano Ernesto do Nascimento.

CICLO-TURISMO — Os antigos corredores velocipedicos Ernani Ribeiro do Sousa e Arelino Pereira Caçajo começaram o seu «raid» — Volta a Portugal em «tandem» — no percurso total de 3000 quilómetros, repartidos por 35 etapas: de Lisboa a Setúbal, Santiago do Cacém, Odemira, Lagos, Faro, Vila Real de Santo António, Castro Verde, Beja, Évora, Estremoz, Elvas, Portalegre, Castelo Branco, Covilhã, Guarda, Viseu, Lamego, Vila Real, Bragança, Chaves, Guimarães, Braga, Viana do Minho, Viana do Castelo, Póvoa, Ovar, Aveiro, Santa Comba Dão, Coimbra, Figueira da Foz, Leiria, Tomar, Santarém, Torres Vedras e Lisboa. Os dois cicloturistas saíram da capital no dia 1 e devem chegar no dia 14 de Novembro.

FUTEBOL — Continuaram a disputar-se os campeonatos regionais. Damos aqui os resultados seguintes:

Em **Aveiro**: Sp. Espinho — Beira Mar, 9-0; Sanjoanense — União Lamas, 1-0; Olivirense — Ovarense, 3-1; Braga: Sp. Braga — Sp. Fafe, 4-1; Vitória de Guimarães — Gil Vicente, 4-3; Famalicao-Viseia, 11-1. **Castelo Branco**: Sp. Covilhã — Covilhenses, 4-1; **Coimbra**: Académica — Uniao Sport-Lisboana, 3-3; **Almada** — Naval, 0-0. **Évora**: Lusitano — Montemor, 5-0; **Leiria** — Estremoz, 4-0. **Santarém**: União de Tomar — Alcanense, 1-1; Rossio de Abrantes — Sp. de Tomar, 5-0; **Ferrolviários** — Matrona, 1-0. **Viseu**: S. L. Viseu — Boticenses 5-1.

«HOCKEY» — EM PATINS — Em Oeiras efectuou-se um festival a favor dos Bombeiros Voluntários locais e da delegação da Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Lisgás venceu Sp. Oeiras, em reservas, e um misto da Costa do Sol derrotou outro de clubes de Lisboa.

— Tem continuado a disputar-se, com animação e interesse invulgar, o torneio da Taça de Honra — 1943, cujos últimos resultados foram:

H. C. Sinta-Sporting, 20-2; Paço de Arcos-H. C. Sinta e Académica da Amadora, 6 e 16 («recórdos»); Cascais-Académica, 7-2; Campo de Ourique-Ateneu, 6-4; F. Benfica-Tabacos, 4-0; Benfica-Sporting de Oeiras, 3-0; Lisgás-Sporting, 6-4. O Benfica e o Paço de Arcos são os únicos «teams» que contam por triunfos as partidas em que tomaram parte.

TENIS — Os campeonatos internacionais de Portugal, com a participação das mais categorizadas «raquetes» nacionais e de vários estrangeiros, disputaram-se em Cascais com grande animação. No próximo número nos referiremos com largueza a estes campeonatos.

— Nas Caldas da Rainha efectuou-se o I Caldas-S. Pedro de Muel, vencendo os tenistas visitantes por 3-2.

TIRO — A Sociedade de Tiro n.º 2 (antigo grupo Pátria) começou as comemorações do seu jubileu de ouro, com uma homenagem de saudade ao título do dr. António Martins, em Abrantes.

VELA — O Clube Náutico de Portugal promoveu o seu anunciado passeio a Cascais, a bordo do late de recreio «Marilene».

XARÉZ — Principiou ante-onhem, na capital de Espanha, o torneio internacional de Madrid, em que tomaram parte Alekhine, Keres, Bogolofitov, Foltys, Briskmann, Saemisch e os espanhóis Sanz, actual campeão, Alabareda, Gomez, Perez, Medina, Alonso, Fuentes e Pomar.

Ainda que disputado entre equipas de valor bastante desniveado, o encontro agradou por completo. O Algés venceu nitidamente por 12-0, é certo, mas o Alhandra soube perder.

Ganhou a equipa que por um conjunto de circunstâncias era, de longe, a melhor equipa.

Mais velozes, mais adaptados à modalidade os rapazes do Algés triunfaram com justiça — e brilhantismo.

O Alhandra lutou, de principio ao fim, sempre na mesma toada entusiástica. Vista, logo de inicio, a impossibilidade de triunfar, não desmoreceu.

É equipa para ser trabalhada e a que falta assimilar a quasi totalidade dos portmoneiros técnicos do «water-polo».

O Algés A alinhou: Simões do Couto, J. Manuel Correia, Malheiro da Silva, Fernando Leal (cap.), Herculanu Trovão, Oscar Cabral e Correia Pires.

O Alhandra apresentou: Santos Rato; Simplicio Silva, Francisco Afonso, Jofre de Carvalho, António de Carvalho e Joaquim de Carvalho (cap.)

A 57. s. de jogo, o Algés marcava o primeiro «goal» por intermédio de Correia, Oscar Cabral obtinha o segundo aos 1 m. 37 s. E depois, com regularidade quasi matemática, Correia fazia o 3.º, 4.º, 5.º e 6.º pontos, aos 3 m. 1 s., 3 m. 3 s., 4 m. 25 s. e 6 m. 1 s., respectivamente.

Na segunda parte, outros tantos seis «goals»: o primeiro de Malheiro da Silva, aos 2 m. 45 s.; o segundo, de novo apontado por Correia, aos 3 m. 30 s.; Trovão, aos 4 m. 34 s., elege o marcador para 9-0, que 31 s. depois Oscar Cabral punha em 10-0; e nos últimos 34 s. Correia faz o 11.º «goal», confagando que Fernando Leal, nos últimos momentos fixou em 12-0.

É muito para apreciar o facto de apenas se terem registado três «fouls», todos na segunda parte, contra o Alhandra — caso verdadeiramente raro em «water-polo» e que só prova a correcção com que o desafio decorreu.

Dirigiu o encontro — a recordar os tempos heróicos da deca... — o sr. Gustavo Pereira da Costa, com a competência que todos, de há muito, lhe reconhecem.

A primeira jornada do «Torneio de Propaganda»

As provas que preencheram a primeira jornada do «Torneio de Propaganda» organização do Sport Algés e Dafundo, antecederam o desafio de «water-polo» a que acima nos referimos.

Entre os infantes distinguiram-se Luis Chalupa e Guilherme Patrone. O primeiro pela sua prova nos 50 metros costas, que venceu em 41 s. 7/10. O segundo pelo seu triunfo nos 50 metros livres no belo «tempo» de 32 s.

Três principiantes valorizaram grandemente a prova dos 100 metros bruços. E as pequenas diferenças de «tempo» que os separam mostram bem a maneira renhida como a prova se disputou. Anotemos: Pessoa Duarte, Algés, 1 m. 30 s.; Armando Pereira Marques, Nacional, 1 m. 31 s. 1/10; George Bleck, Estoril, 1 m. 31 s. 8/10.

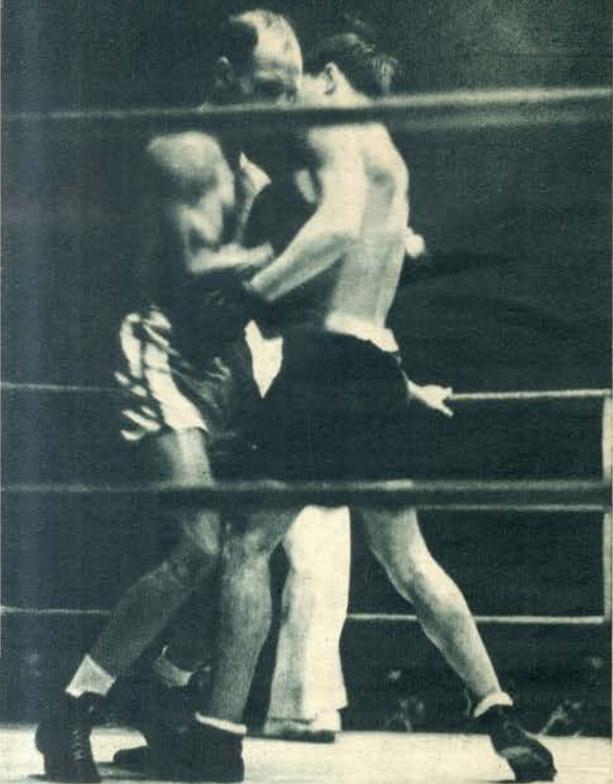
Nas provas de inscrição livre, dominaram antigos campeões: Rodrigo Bessone Basto Junior, nos 400 metros livres em 6 m. 2 s. 4/10; Fernando Leal nos 100 metros costas, em 1 m. 21 s. 7/10; e Fernando Sacadura, nos 200 metros bruços, em 3 m. 13 s. Enquanto, porém, os dois primeiros ganharam 4 vontade, Sacadura travou luta rija com Carlos Júlio, vindo, no entanto, a concluir destacado.

Das três estafetas do programa, o Algés venceu duas e o Estoril uma.

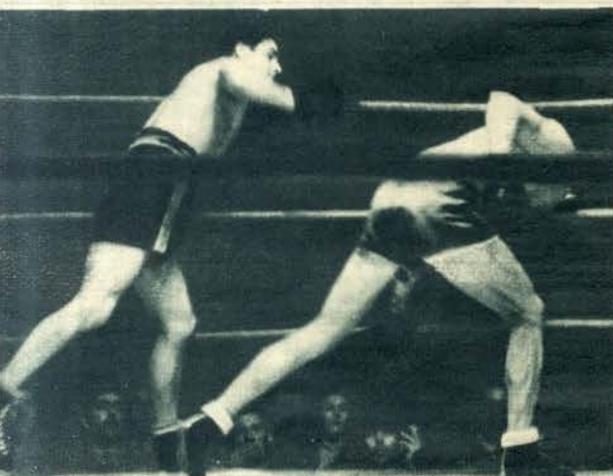
A equipa do Estoril Plage, vencedora dos 3x60 estilos, deveria, em bom rigor, ser desclassificada, por muito simpáticos que sejam os argumentos em contrário...

O conjunto deu, portanto, em nove provas disputadas, sete vitórias ao Algés e duas ao Estoril Plage.

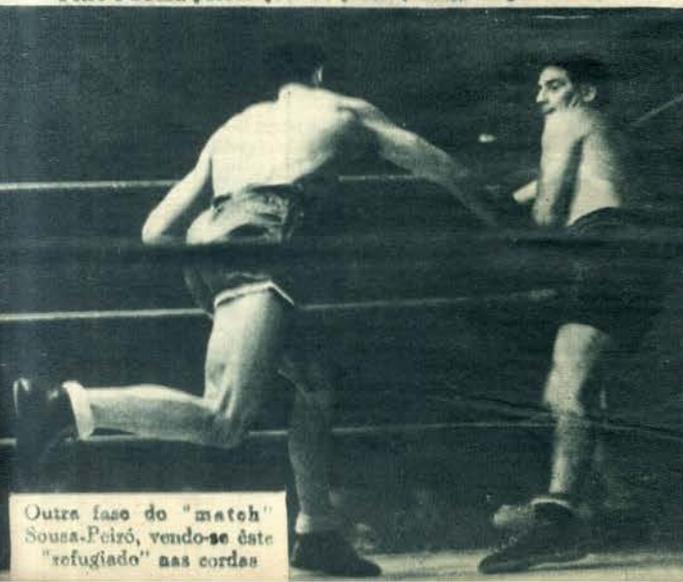
ABREU TORRES



Aspecto da luta. Matos-Gonzalez



Peiró e Sousa parecem que vão partir para um "sprint" ...



Outra fase do "match" Sousa-Peiró, vindo-se este "refugiado" nas cordas

No Parque Mayer e no Campo Pequeno A vitória de Peiró e o

HÁ uma certa classe de espectadores muito irrequieta, muito vociferante e muito desaccertada. É a gente do boia-abaixo, tão pronta em protestar ruidosamente contra uma grave falta, que na maior parte das vezes não existiu, como em aplaudir outras que não observou, ou fingiu não ver, porque lhe pareceram rotundos golpes do seu favorito.

Então, se o sangue corre das narinas de um pugilista, tais pessoas tornem-se apoplexicas, inclinem em largos brados, gesticulem, e não escacham o vizinho do lado porque, em geral, acontece ser de índole pacífica ou filosófica.

Temperamentos assim devem preferir as distrações calmantes e sedativas, como o chinguilho ou o domínio, de preferência ao boxing, isto para que não haja durante as sessões alguns casos de apoplexias fulminantes, tanto mais lamentáveis quanto mais prestimosos chefes de família ou zelosos funcionários forem as vítimas...

Na quarta-feira, 29 de Setembro, no Parque Mayer, notei a presença de inúmeros casos clínicos como os acima indicados. Aponto tratamento fútil e de ótimos resultados: é o de procurar-se, antes de mais nada, ver o boxing como uma esgrima, um jogo, cuja arte, técnica e táctica se apreciam muito mais que a violência, a robustez e a força, atributos de secundária importância.

A rixa, o conflito de chafariz, tiram ao jogo do bóca os aspectos saudáveis e recreativos que lhe contém e dão a assistência a oportunidade insensível de pôr às claras os seus instintos inferiores. Da mesma maneira, o assalto bem disputado, a poder de exhibição de ciência, satisfaz o praxer intelectual de quem vê, sem despertar a animalidade!

Estas considerações destinam-se ao público e aos leitores. Ao primeiro para o ajudar a obter contentamento maior em futuros espectáculos, e aos segundos para os orientar, se acaso tomarem interesse e decidirem assistir a alguns combates.

Nem tudo foi mau...

A público de temperamento mais calmo, todos os encontros do dia 29 teriam agrado, sendo o de Peiró o menos emotivo, indiscutivelmente.

Fausto Semedo e António Correia galvanizaram a assistência batalhando, durante os seis assaltos, com muita dureza e com o predomínio ora de um, ora do outro. A técnica, algo rudimentar, exibindo sócos largos e laterais mas esquecendo a existência dos golpes directos, a mola real da esgrima dos punhos. Venceu Correia, por pontos. Ambos pertencem à categoria dos eméritos.

Em seguida, Serafim Martin (66,800) e Domingos Figueiredo (68,800) fizeram um combate muito cheio de vivacidade e de marcado mérito durante 8 rounds. O espanhol é jogador de recursos medianos mas não registei os seus esforços — e o público apreciou-o decididamente, aplaudindo o seu trabalho. A decisão de empate foi pouco corajosa e talvez influenciada pela claques do português.

O espanhol foi levemente dominado durante os 3 primeiros assaltos (o terceiro foi esplêndido); no 4.º fez jogo igual e no 5.º assentou uma contra no nariz de Figueiredo que virou a sorte do combate a seu favor. Atacando, muito embora, sempre do mesmo modo, em swings de esquerda ao fianco direito (tão fáceis de sustentar quando em directos da direita, mergulhantes, com avanço do pé direito...) Martin ganhou amplamente os assaltos seguintes e merecia a decisão sem sombra de dúvida.

Figueiredo esteve à altura do adversário até ao 5.º round e foi muito sagaz e oportuno. Depois, abusou um pouco das cabeçadas e dos cotovelos, até ao song final.

É uma desforra que se impõe e que veremos com interesse.

Manuel Matos (62,600) e Gonzales (63,800) deixaram-nos boa impressão. Muito apreciámos a calma e o jogo fechado de Matos, que demonstrou, com meios físicos inferiores, capacidade para replicar, em bom local e a tempo, os potentes golpes do contrário. Até ao 5.º assalto (o melhor de Matos) a luta foi ligeiramente do espanhol. Depois o nosso competriota passou a pôr em prática a sua experiência e a empregar o cotovelo em vez dos punhos, de ora em quando, e os corpo-a-corpo repetiram-se com monotonia.

O último assalto foi de Matos, o menos afectado pela dupla cabeçada com que se mimostaram, e a decisão favoreceu o português, que obteve a vitória por ligeira diferença de pontos.

Ambos os jogadores são também para tornar a vez na primeira oportunidade. No último combate da noite, Peiró (67,300) derrotou Augusto da Sousa (66,600) por pontos, depois de 10 assaltos. O combate não teve à altura do que se esperava, por



Figueiredo e Serafim Martin vão entrar em "clínche"

fracasso das moçambicanos

* crónica de RAFAEL BARRADAS *

culpa de Peiró, que não se empregou a fundo e deixou que o público acesse o jogo de comédia e combinação.

A tanto não chegaremos nós. O catalão não tinha vantagem aparente ou secreta em se deixar bater. Sousa, por sua vez, não precisava de uma vitória sobre Peiró para lutar, por exemplo, com Levy. E' um combate nacional e que mais dia menos dia se realizará. Portanto a explicação está no temperamento de Peiró, homem que treina pouco a sério — não terá ele desnecessária quantidade de gordura no tronco? — e que combate conforme os caprichos da sua fadola. Conhecendo bem que lhe bastaria actuar a fundo nos últimos assaltos, não se applicou desde o início, foi conservando o fôlego (que não é muito...) e nos rounds finais procurou, até, ganhar por knock-out.

Sousa fez um combate excelente, muito melhor daquêlles que vimos contra Marco. Teve oportunos ataques e moveu-se levemente, inutilizando a mobilidade do catalão com o empêgo da própria. A sua preparação física permitiu-lhe agüentar sucessivos ataques ao tronco e terminou vencido mas capaz de fazer ainda mais cinco assaltos.

E' mesmo possível que, em 15 rounds, Peiró não tivesse ganho...

Para terminar, temos de nos referir ao arbitragem. Em principio, não nos interessa o trabalho do 3.º homem no ring — se não for óptimo ou péssimo. Nêste espectáculo, os árbitros pareciam por não intervir quasi nunca com a voz de separar (break) o que é um excesso tão desnecessário como o de gritar a mesmo break por tudo a voz nada... E' de péssimo efeito, igualmente, empurrar os homens para os apartar. A obediência à ordem do árbitro deve ser imediata e completa.

A sessão dos moçambicanos

A noiteada pugilística do Campo Pequeno, na sexta-feira, foi muito inferior aquillo que se esperava. Os pugilistas moçambicanos não só estiveram longe do estalame feito à volta dos seus nomes, como demonstraram, sem a mais leve sombra de dúvida, que ignoram por completo os mais rudimentares e indispensáveis principios do jogo do sêco. Mesmo aquillo que venceu, Manuel Braga, não logrou a vitória pela virtude da sua técnica, mas antes pela força e pela velocidade dos seus punhos.

Todos de esplêndida coragem, desprezando o sofrimento e lutando até ao fim com grave risco da própria integridade física. Mas não basta, evidentemente, o valor, nem mesmo aliado a musculatura desenvolvida, se a técnica do boxing não existir, nem a sua sombra, como no caso de Júlio Neves e de Carlos Gomes.

Antes de mais nada, o adversário de Neves estava mal distribuído. Figueiredo II, levando perto de quatro quilos de vantagem muscular, é um peso médio, sem discussão, e Neves é um meio médio permanentemente abaixo do limite superior da categoria (66,678). Este pormenor técnico é muito importante e demonstra que o manager de Neves sacrificou o seu homem e não cuidou de o opôr a um jogador de peso sensivelmente igual. O argumento de que Neves está classificado 2.º sêco e Figueiredo como 3.º, não vale nada, pois toda a gente viu que a estatura de Neves não chegou para defender a cara, com a mão direita, uma só vez, em tantos sêcos que apanhou ingenuamente.

Para terminar e encurtar textos: o programa, nêste caso, não deveria ter sido visado pela F. P. Box. As diferentes categorias de pesos não se fixaram por capricho, mas resultam de longa experiência, confirmada pelo tempo adiante. E se o organismo encarregado de vigiar pela observância dêste assunto, e de outros semelhantes, não lhe dá a devida importância, é caso para lamentar.

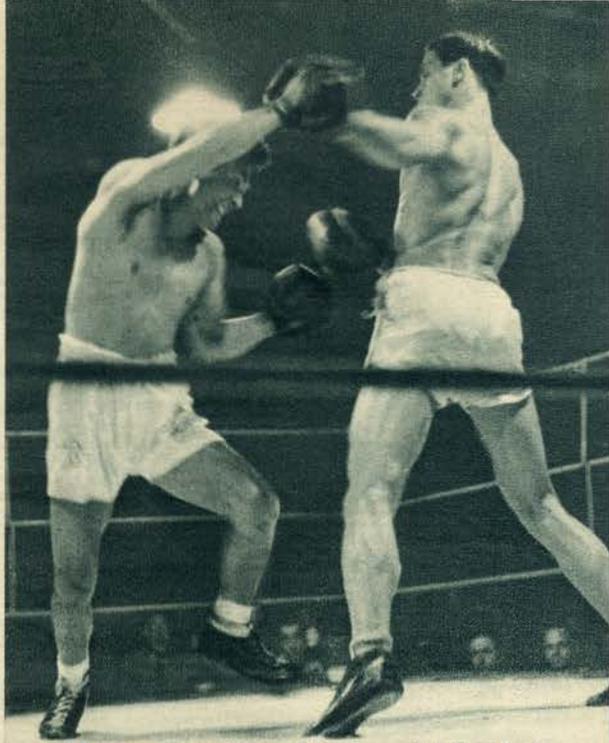
Carlos Gomes, de quem se disse maravilhas a, potes, pretendia jogar com Beni Levi, foi outro compêndio avulso de ignorância boxística. Fêz-se muita pena assistir ao massacre sistemático dêstes rapazes tão corajosos e tão merecedores da nossa simpatia. Aquillo foi uma arruça a partir do 5.º assalto e a punição sofrida por Gomes segotou-o, lentamente, até à última possibilidade de resistência.

Sérios erros de arbitragem

Tanto o árbitra do desfillo Figueiredo — Neves como o do encontro Gomes — Rysko procederam irresolutamente não parando os combates no momento oportuno, isto é, quando os homens se achavam em manifesta inferioridade física. Isto consta de todos os

Zote Nunes d'Almeida

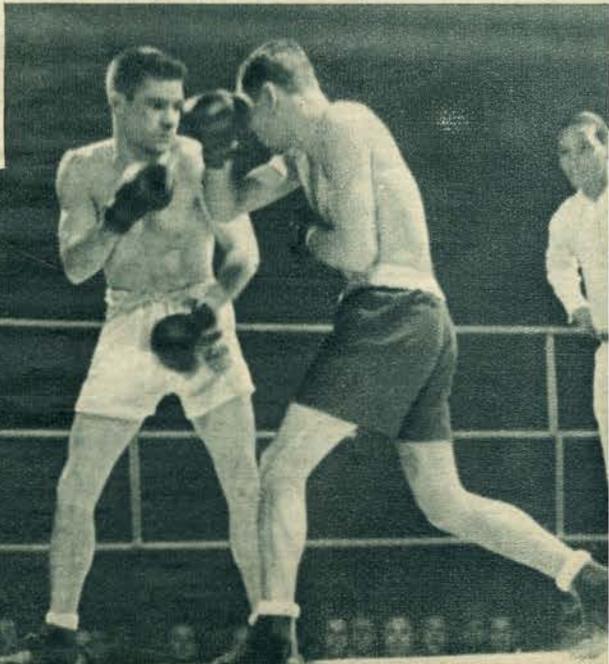
(Continua na pág. seguinte)



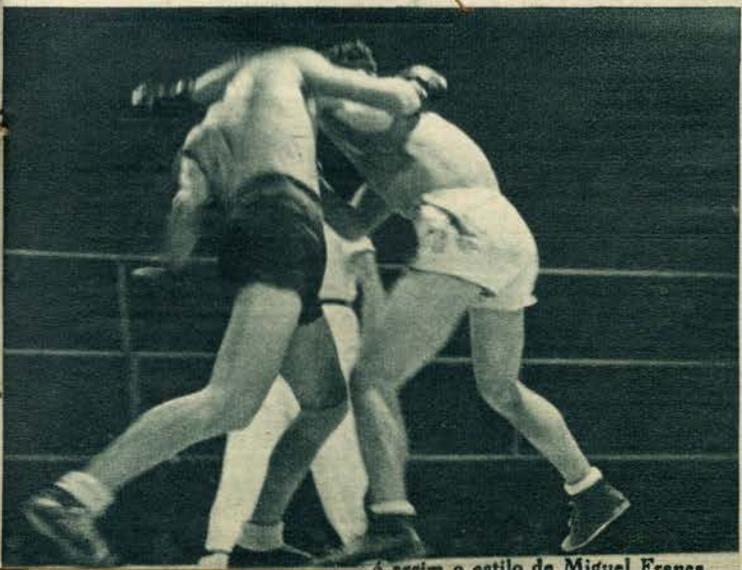
O moçambicano Manuel Braga castiga José Luís, que pouco depois ia terra — para a conta fatal



Primeiro "knock-down" de Júlio Neves, começo de um fim triste...



Padrón Rysko e Carlos Gomes em animada disputa; veja-se que o último — como em todo o combate — é alvo aberto aos golpes do canarim



A seguir o estilo de Miguel Franco

(Conclusão das págs. anteriores)

regulamentos de todos os países civilizados do Mundo. Até o do nosso País dispõe, na alínea b) do n.º 4 do art.º 26, a suspensão do encontro por inferioridade manifesta de um dos adversários (textual).

Quem poderia ter tido dúvidas, no 6.º round da luta Figueiredo-Neves, depois da primeira queda deste último, ao levantar-se titubeante e de braços caídos, da sua manifesta inferioridade? O árbitro não sentiu que aquele homem estava vencido, sem sombra de probabilidades a seu favor? Para que então a segunda contagem e não suspendeu um espectáculo já indigno da classificação de desportivo e cujo resultado estava patente?

Devia ter tido essa decisão, para bem do vencido e para salvaguardar as suas responsabilidades futuras. Um acidente mortal nessas condições é todo da responsabilidade do árbitro e já existe doutrina jurídica sobre o assunto.

Também constituiu equívoco indiscutível não reconhecer a desistência do moçambicano depois da toalha cair no solo do ring. É certo que o auxiliar-chofe de Julio Neves foi pouco feliz, arruando a toalha para um lugar onde o árbitro a não podia ver. Devia ter dado a volta ao ring, ou seguir a file e interromper a luta a sua intervenção (artigo 66.º). Tudo isto é verdade, mas não justifica a acção do árbitro que, embora continuasse a contagem já iniciada, deveria ter lhe reconhecido a desistência quando o «go» souou. Os ajudantes de Neves, igualmente desorientados, não deveriam ter permitido que este jogador retomasse a luta.

Em suma, muito se critica e se anda nestes assuntos... Aquilo que atrás dissemos sobre a oportunidade de suspender o combate Neves-Figueiredo no 6.º assalto, aplica-se ao encontro Carlos Gomes-Rysko — e, por isso, não insistimos no caso.

Os outros combates

Nos outros encontros tivemos a decreta do Miguel França, que usa e abusa do seu da cabeça. Admitindo que o não faz de propósito, não deixa de ser irregular e perigoso tal método de jogo. A sua derrota por desclassificação foi justa e o público, muito bem, desaprovou a conduta do pugilista.

Reverte, sem ser um homem de grande valor, tom alguma escola e o jogo prometia interessar quando uma forte cabeçada de França, no 7.º round, modificou as perspectivas.

Os resultados, tecnicamente, foram os seguintes: Tafel (59 e 400) e Alfredo Oliveira (63 e 400) fizeram «matches» nulo, em 6 assaltos; Manuel Braga (70 e 300) por K. O., ao 2.º assalto; José Luis (72 e 700); Figueiredo II (66 e 600) por K. O. (técnicos) ao 7.º assalto; Julio Neves (65 e 600); Reverte, espanhol (52 e 300) derrotou, por desclassificação, Miguel França (64 e 500) ao 3.º round; e Pedro Risko, espanhol (65 e 300) venceu, por desistência, ao 7.º assalto, Carlos Gomes (62 e 600).

NOTA — A nossa missão é esclarecer e construir e não acusar, demolindo. Por isso, aconselhamos os árbitros a meditarem na responsabilidade que têm dentro dos «rings». A oportunidade das suas intervenções pode evitar acidentes graves e até mortais. Lembram-se, a propósito, as seguintes obras:

G. Del Vecchio — *La Criminalità negli sports* — edição Bocca; do mesmo autor: o artigo publicado no *Arquivo de Antropologia Criminal*, italiano, n.º 57, 611 de 1917, subordinado ao título: «La responsabilità penale nell' evento dannoso sportivo».

ALVARO DE LACERDA

MORREU Alvaro de Lacerda, figura prestigiosa do desporto, antigo presidente da Associação Comercial e Industrial de Lisboa e que era o presidente da assembleia geral do Gimnásio Clube Português. Também foi jornalista desportivo, tendo sido o introdutor da ginástica em Portugal, com o falecido dr. Jorge Santos. Promoveu a primeira travessia do Tejo a nado — a que concorreu. O seu nome andava ligado a imensas iniciativas de propaganda do desporto.

Que descanse em paz o velho amigo e desportista. «Stadium» apresentou sentidas condolências à família enlutada, e também ao Gimnásio Clube Português — que era, por assim dizer, uma partícula da vida de Alvaro de Lacerda.

SPORTING CLUBE DE PENAFIEL

(Conclusão da pág. 6)

tre penafielense, o conhecido e distinto arqueólogo sr. Abílio Miranda, que pela sua terra, e em todas as actividades, incluindo a do desporto, desenvolveu acção de insosmável valor.

Mas o Sport de Penafiel quis sonhar com estádios grandiosos, que nem o meio, nem as possibilidades do clube podiam comportar, e agora sofre as consequências.

O estádio (?) não só não está em condições, como não será possível torná-lo capaz de agradar em absoluto. A sua situação é péssima, o piso encharca com facilidade, devido à qualidade do terreno — como o futebol é um desporto de inverno raras vezes lá poderá jogar... — e o público, por mais vedações que

A Associação de Tiro Desportivo

é uma idéia a pôr em marcha

A actividade que se verifica nas nossas carreiras de tiro reduzido demonstra claramente que este desporto encontrou excelente acolhimento.

Quando foram encerradas as carreiras militares, muitos adeptos do tiro ficaram privados de praticar o seu desporto favorito. Por tal motivo, a iniciativa de alguns dos nossos clubes, instalando nas suas sedes carreiras para a prática do tiro reduzido, foi coroada de êxito. A modalidade agradou, não só em Lisboa como na provincia, registando-se desde logo elevado número de praticantes.

Hoje este desporto rodeia-se de excelente interesse e bom prestígio — pela quantidade de carreiras de tiro em funcionamento e pelo número e qualidade dos atiradores. Deste aspecto geral pode concluir-se que o tiro nacional se valorizou.

Mas toda a modalidade desportiva precisa de se organizar — e o tiro reduzido, acusando franco progresso de época para época, não tem ainda a sua Associação regional, que o oriente e dirija. Com a expansão que tem actualmente entre nós, necessita do seu organismo associativo, com o qual se obterá de certeza um regime disciplinado e melhor desenvolvimento. Ligar-se-iam todos os esforços, coordenando-os devidamente, além de que se elaborariam calendários de provas de acordo com os clubes e não permitindo organizações simultâneas, que são prejudicam os atiradores. A juntar a isto teríamos as provas da Associação, e entre elas o campeonato de Lisboa.

Tudo isto significaria uma remodelação in-

dispensável, que por certo contará com a colaboração dos nossos atiradores e dos clubes. Esta iniciativa está no espírito de todos os praticantes da modalidade.

E no entanto já esteve fundada a Associação de Tiro Desportivo de Lisboa!

Em 1939, o Sporting convocava uma reunião de delegados dos clubes com secção de tiro, com o fim de se organizar a associação regional deste desporto. A iniciativa foi coroada de êxito e o regulamento da nova associação levado à assinatura do sr. governador civil.

Estava fundada a Associação de Tiro Desportivo de Lisboa. Em 20 de Abril de 1940 deveria efectuar-se a posse dos primeiros corpos gerentes, terminando da melhor maneira os trabalhos da comissão organizadora, presidida pelo Sporting e composta por delegados do Benfica, Ateneu, Gimnásio Clube Português e Recreativo Gimnásio Clube.

Mas, desde essa data, parece que pesada pedra se colocou sobre assunto de tanto interesse. Da Associação, fundada com tanto carinho e entusiasmo, nunca mais se falou. Cremos mesmo que nem a posse dos seus primeiros corpos gerentes chegou a efectuar-se.

Recordamos o acontecimento, colocando-o na actualidade e sublinhando a interrogação, com a qual de novo voltamos ao assunto: e a Associação de Tiro Desportivo de Lisboa?

FERNANDO SA

As «Bodas de Ouro» da Sociedade de Tiro n.º 2

A prestigiosa Sociedade de Tiro n.º 2 vai completar, com um programa recheado de magníficas provas de tiro, as comemorações do seu 50.º aniversário, as quais têm o patrocínio do sr. Presidente da República, que acaba de conceder a colectividade com o grau de comendador da Ordem do Cristo. Tal distinção premia a honrosa actividade do antigo Grupo Pátria, ao qual estão ligados os melhores momentos da história do tiro nacional.

Das comemorações fazem parte, além da romagem ao túmulo do glorioso desportista dr. António Martins, a exposição dos trofeus da colectividade, sessão solene e distribuição de prémios e uma série de provas a efectuar na carreira de tiro de Pedrouços, nas quais se disputarão as taças: « Direcção Geral de Educação Física e Desportos », « Comité Olímpico Português », « Câmara Municipal de Lisboa » e « Federação do Tiro Nacional Português ».

Disputam-se ainda as provas por equipas «Presidente da República» (individual e colectiva), «Ministro da Educação Nacional» e «Veteranos».

GIMNÁSTICA

Centro de Educação Física

Reabrem esta tarde todas as classes do Centro de Educação Física, as quais continuam entregues à competência e delicada do conhecido professor de ginástica Ermelindo Santos.

O ginásio do C. E. F., bem como a respectiva aparelhagem didáctica, sofreram importantes remodelações.

A matrícula para as classes de ginástica educativa e correctiva, para crianças, senhoras e homens, continua aberta todos os dias úteis, das 18 às 20 horas, na secretaria do Centro, rua Nova da Trindade, 20.

Sport Lisboa e Benfica

Encontra-se aberta na secretaria do S. L. B. a inscrição para todas as classes de ginástica.

CASAPIANOS!

(Conclusão da pág. 2)

E, pouco a pouco, ficou reduzido ao escasso valor que actualmente possui.

No entanto, em nossa opinião, ainda não há motivos para desânimos tão grandes como aqueles que chegaram ao nosso conhecimento.

Queiram os casapianos tocar a unir fileiras! Congreguem as boas vontades e os valores que andam dispersos! Obtenham o concurso de um treinador capaz — e não têm maior dificuldade que a da escolha! Dêem aos jogadores assistência e amparo moral — e depressa voltaremos a ver o Casa Pia A. C. alcançar vitórias, melhorar a situação financeira e singrar de vento em pópa. Isto se entenderem que, realmente, são necessários os trinnfos desportivos para que o clube consiga recuperar a embalagem perdida. Quanto a nós, bastaria a união para gerar a força, e, com ela, a possibilidade de colocar a agremiação no verdadeiro caminho que lhe foi destinado pelos seus fundadores.

coloquem, assiste sempre de «borla» nos encontros que lá se effectuem. Lamentável, muito lamentável tudo isto! E mais lamentável se dissermos que já estão gastos para cima de 500 contos naquela «pobreza», e que são necessários outros tantos para que «aquilo» fique a parecer um estádio!...

Em boa hora pois se criou a Direcção Geral dos Desportos, para que casos como este se não repitam.

O Sport de Penafiel deixou-se «embalar» pelos «amigos do diabo» e agora sofre-lhe as consequências... Lamentável!

CAMPEONATOS REGIONAIS DE FUTEBOL

(Conclusão da pág. 3)

animadores do torneio se não caísse desmedidamente, quando fora de casa, até pela influência dessa queda, quando, depois, na Tapadinha. Parecendo-nos que o *team* reúne qualidades para desempenhar ês e interessante papel, aliás necessário no futebol de Lisboa. Os factos das Salésias não destroem por completo, nem afectam decisivamente, as esperanças postas em nosso juízo. Limitam-se a dar-lhes um certo «balo».

O *team* portou-se muito bem durante largo período do desafio. Não só com a coragem e a vontade própria dos seus homens, no conhecido estilo alentejano, mas dando sempre réplica viva, inflecto certo de luta animada, e com seu quê de equilíbrio, jóga e jóga lá.

Claro que, em dado momento já adiantado da partida, e ao falto o fôlego, a altura em que se revela o fundo das equipas, com um Belenenses de incontestável superioridade técnica, que mexe as suas peças com espantosa facilidade, e mesmo com elegância e agilidade, o Atlético nada mais pôde fazer do que suportar o péso e a ciência de um adversário, habilitíssimo em qualquer terreno, mas muito mais na sua conhecida relva das Salésias. O esquimismo perfeito do Belenenses posto a laborar com a inteligência de unidades que sabem do seu ofício, consolidou a vitória do primeiro tempo, então escassa, conseguindo um resultado que não tem expressão de certa altura em diante. Nestas condições, os «goais», atingida a medida fatal, irrompem com uma espontaneidade que dá a côr da naturalidade a tudo quanto se faz. Os 8-2 não devem desluzir os partidários do Atlético. Nem animar demasiadamente os que se deslocaram à Tapadinha. O aviso mantém-se...

O Fósforos triunfa pela primeira vez. O Unidos à deriva

O Fósforos vinha a indicar claramente, desde o primeiro pontapé no campeonato de Lisboa, que não aceitava passivamente a posição de vítima de todos os outros. Os sintomas da sua salutar reacção eram evidentes. Há neste modesto clube forças que palpitam. Bem aproveitadas por Abrantes Mendes, um treinador que trás o futebol agarrado à pele, parece-nos naturalíssimo, e de acarinhar, o desejo patente do Fósforos de aperfeiçoamento e reacção. O clube que não quere ser apenas figurante, mas também intervir activamente na luta lisboeta.

O Fósforos deu o aviso, claro e inflexível, no Campo Grande. Por isso não se justifica que o Unidos não se desse a uma tarefa estreita de marcação do adversário. Ora, os seus médios-alas, como consta do gráfico da partida, verdadeiramente apaixonante pela oscilação do resultado, deixaram quasi em completa liberdade os atacantes adversários, facilitando a sua missão. O seu trabalho e a sua tática. Erro grave que o clube paga caro.

Quere nos parecer que o Unidos não se penetrou devidamente da dificuldade da tarefa de Marvila. Só Leonel viu o problema claro. Não se julgou o Fósforos capaz daquilo que, como se viu, é capaz. Capacíssimo. Porque todos devem convencer-se que o adversário de Marvila tem fundo de clube, e os rapazes são briosos como aquêles que se gabam de o ser. Nestas condições, as suas aspirações são legítimas. Já aí está a primeira vitória. Quando chegará a segunda?

Considerações sobre arbitragem

Uma coisa é o choque leal. Outra a jogada traiçoeira. Não permitir o emprêzo da força física, nas condições contempladas nas Regras, acção que faz parte do próprio jogo, não parece orientação que se defenda. E, todavia, o jogador de jogada viril, mas nobre pela sua forma de actuar, ou pelo seu temperamento, ou pelo seu natural vigor, vê-se constantemente punido, não sabendo por vezes o que fazer em campo, pois já sabe que, ao mais leve ecôsto, pela culpa de ser forte contra adversário fraco, não deixará de se ouvir o apito da recriminação e da penalidade. Os árbitros devem ter em

conta este aspecto, e para eles chamamos a sua atenção. Aspecto de grande importância, chegando o reflectir-se no chamado futebol internacional. Onde o juiz de campo deverá ser implacável e inflexível e precisamente na jogada traiçoeira, no vil propósito, no lance em que o jogador revela nitidamente a intenção de pôr fora de combate — em muitos casos para todo o sempre — o adversário. Aqui — sim! O árbitro que transija com semelhante procedimento fere os interesses do futebol, não sendo digno nem capaz da missão que desempenha.

Outro reparo: se os *teams* têm a obrigação de estar à hora marcada em campo, menos, muito menos se justifica que o juiz de campo não o esteja, e que um desafio comece mais tarde por sua causa, êle, que devia dar o exemplo da pontualidade. O árbitro não perde mesmo nada chegando ao terreno um pouco antes da hora marcada. Terá assim tempo de inspecionar a marcação, as redes e outros por menores de certa monta.

Os torneios jogam-se com os pontos conquistados na casa do parceiro

O Belenenses arrancou a vantagem de dois pontos no Lumiar. O Benfica levou igualmente para o Campo Grande um ponto precioso. A posição do Sporting, com uma derrota e um empate em sua casa, não é lá muito famosa.

Os espanhóis costumam dizer que os campeonatos se ganham com os pontos conquistados fora de casa. Com esta afirmação destaca-se, e muito inteligentemente, o valor do ambiente na luta. Cada um em sua casa sente-se mais forte. Ordinariamente, portanto, os desafios em terreno próprio, entre dois grupos de valor nivelado, transformam-se em triunfos. É certo que, no torneio de Lisboa, o ambiente não desempenha o mesmo papel que em Espanha, no célebre campeonato das Ligas, com os clubes em vagens regulares de região para região. Mas é um factor a ter em conta. Que pesa, no entanto. Conclusão: Belenenses e Benfica afastaram-se mais do Sporting do que a tabela da classificação indica.

De resto, a tabela fornece outra indicação. E muito curiosa. Que a luta para o derradeiro lugar vai ser este ano, possivelmente, mais renhida do que na época passada. Estas lutas chegam, por vezes, a despertar tanto interesse como as outras. Tem o sabor da tragédia. Dramáticas como são.

VITÓRIAS DOS VISITANTES NA 2.ª DIVISÃO DE LISBOA

OS encontros da terceira jornada do campeonato da II Divisão da A. F. L., disputados no último domingo, tiveram os seguintes resultados:

Chelas-Estoril	2-7
Marvilense-Casa Pia A. C.	1-2
Olivais-F. Benfica	1-4
Operário-Sacavenense	4-6

Êstes desfechos poucas alterações produziram na tabela das classificações. Os três melhores classificados mantiveram as suas posições entre si, embora distanciando-se de um segundo grupo, constituído pelo Marvilense, Operário e Chelas e ao qual se juntou, agora o Casa Pia. O Olivais isolou-se no último lugar. Portanto, a bem dizer, só uma equipa — a dos casapias — tirou vantagem acatada da vitória.

A pontuação, ao cabo desta quarta ronda, ficou assim estabelecida: Estoril, 0 pontos; F. Benfica e Sacavenense, 8 pontos; Marvilense, Operário, Chelas e Casa Pia, 5 pontos; Olivais, 3 pontos.

Resalta à primeira vista a circunstância de nenhuma das equipas visitadas ter podido tirar partido da vantagem de jogar em casa. Os avançados voltaram a mostrar-se eficientes; marcaram-se 27 «goais» (mais um do que na 2.ª jornada e mais 14 do que na primeira). E note-se que nenhum dos vencidos ficou em branco...

O programa da ronda, apresentará-se, no seu conjunto, grandemente equilibrado. Quere dizer: todos os encontros eram susceptíveis de provocar interesse.

Porque a ida do Estoril a Chelas tinha de ser encorada entusiasmamente pelos jogadores da Costa do Sol, talvez este desafio tivesse despertado maior atenção. Mas, ao fim de noventa minutos, nada se havia passado de anormal e a única coisa capaz de causar reparos era o desnível do «score». Os estorilenses entraram dispostos a «segurar» o adversário. E conseguiram-no, porque ao intervalo ganhavam já por 5-1. Depois descansaram e a luta foi mais equilibrada.

O Casa Pia ganhou. Mas se na primeira parte o domínio pertenceu ao adversário e na segunda houve relativo

equilíbrio, facilmente se deduz que o resultado tem algo de inesperado. Mas como compensação de ferrosos ferozidades. O Marvilense não está a corresponder ao que dele se esperava. Depois de dois empates — uma derrota... não abona muito o valor da equipa.

O Futebol Benfica está a fazer uma prova interessante. Ainda não perdeu, revelando apreciável conjunto e razoável valor técnico. Os «conceiros» dos Olivais ainda se não mostraram capazes de repetir a boa acção do ano findo.

O desafio Operário-Sacavenense foi fértil em «goais». Parece que se poderia ter registado outro desfecho se o guarda-redes de S. Vicente não tivesse deitadas imperdoáveis; porque, em boa verdade, os avançados cumpriram. Pode dizer-se que o Operário resolveu um problema...

Deusa maneira, os seis «goais» do Sacavenense não queream dizer nada. E a conclusão a tirar é a de que o grupo de S. Vicente tem de ser considerado pelos visitantes.

ZÉ DO PEÃO

O F. C. do Pôrto em dificuldade...

O «derby» portuense não desmereceu... Nunca vimos tanta gente no estreito campo do Salgueiros, aquêle inestético campo onde se reúne tudo — alma, coragem, vontade, energia — menos condições. E então para os jornalistas... é um caso sério! Mas vamos-nos arranjando como podemos...

Indicada a expectativa dos portuenses, pois Guilher e Cerqueira não atuaram pelo Salgueiros, a assistência preparou-se mesmo assim para ver um jogo emocionante. Pode afirmar-se que não foi enganada, pois que a defesa salgueirista, com o apoio razoável da linha intermédia, batalhou emérgicamente. Pena é que o Salgueiros não tenha um ataque decidido. E o fôlego sector a pedir «forma». Assim não presta, como não presta jogar a destruir, por sistema, quando só da construção de jogo se podem obter «goais». Esta tem sido e continua a ser a errada tática salgueirista.

Os casalis-brancos, libertos do «peadêlo», agiram da forma costumada: decisão, espirito combativo e, a destacar, formidável seriedade.

O bela forma como encaram o jogo que vençaram, porquanto, lá para a rectangular, as «coisas não vão nada bem. Há ali gente que trabalha mal, que não dá confiança à equipa. O sector defensivo precisa de ser mais observado, de forma a corrigir o erro que nele existe.

A linha média, tal como está, vai fazendo algo de jeito. Mas isso não chega. Falta-lhe um médio centro que saiba empurrar o conjunto, de forma a eliminar a «clareira» que se nota, por vezes. O ataque está a melhorar, de jogo para jogo. Note-se que, desta vez, teve uma defesa aguerrida e forte pela frente. E, mesmo assim, lutou — e venceu.

O Beira Vista e o Leça não deram novidades dignas de relato. Foram o que costumam ser, e enquanto não agirem de outra forma, não merecem referências especiais.

O Leixões desfez-se copiosamente do Académico, que está em nitida inferioridade. Para um grupo que tinha pretensões... é demasiadamente pouco!

Primeira derrota do Vitória

NA quarta jornada do campeonato da Associação de Futebol de Setúbal, os empates verificados no Seixal e Arraial, bem como a primeira vitória do Lusitano, distanciam ainda mais os setubalenses na sua classificação. A alteração mais profunda, porém, foi a do Luso, que do oitavo passou para o quarto lugar, acompanhado pelo Arraial e Seixal.

O Vitória, em Setúbal, obteve um triunfo normal, sobre o Onze Unidos, mais uma vez revelando que tem na linha da frente rematadores eficazes.

Outro tanto não se poderá dizer do Barreirense e do Unidos. As equipas denotam fraco poder ofensivo, mormente a do primeiro, que possui avançados pouco realizadores.

O Luso cometeu a façanha, que o desenrolar do jogo não justificou, de marcar cinco tentos contra um do Amora. Mereceu sem dúvida ganhar.

O interesse pela quinta jornada consistia sobretudo em saber do que seria capaz o campeão (Unidos) contra o Vitória, que se deslocou para o Barreiro. Afinal, tornou-se bem a dificuldade. Depois de animada luta, os setubalenses não puderam ir satisfeitos. 1-1, foi o resultado que deu aos unidistas um merecido triunfo, vindo alterar a pontuação dos três melhores — Vitória e Unidos ficaram empatados com 13 pontos e o Barreirense distanciou de ambos apenas com um ponto. Aumentou, portanto, ainda mais, o interesse pela prova.

Nos seus campos, o Onze Unidos e o Amora, derrota, respectivamente, o Luso e o Seixal, por 2-1 e 2-0 «scores» pouco expressivos mas que dão a medida exacta de como decorreram os encontros, em especial o que pôs frente a frente os velhos rivais e vizinhos Seixal e Amora.

Finalmente, o Barreirense esteve desta vez com o pé afinado, parecendo ter havido na sua linha avançada uma repentina sêde de «goais», da qual nos ia já desabitando... Nove pontos sem resposta foram marcados contra o Arraial, que jogou pouco convencido das suas possibilidades.

Preparando a nova época de PINO-PONO

No Clube Internacional de Futebol está aberta, até ao próximo dia 8, a inscrição para o torneio anual de «ping-pong», inter-sócios, nas categorias infantil, iniciados, principiantes, fracos, fortes e pares-homens. As inscrições aceitam-se na sede do clube ou pelo telefone 63150.

— Também o Sport Clube Intendente tem aberta a inscrição para os seus associados que desejem representá-lo nas próximas competições oficiais.



Stadium

NO PORTO: 1 — Uma fase do jogo Salgueiros-Porto. Os "encarnados", opõem-se com ardor ao ataque dos "azuis-brancos". 2 — O belo esforço do popular Pinga focado com oportunidade (fotos Hermann)
 EM COIMBRA: 3 — O grupo da A. Académica, tal como se apresentou no domingo, com Floreano (ex-F. C. Porto) e Paisca (ex-Naval). (foto Marques de Carvalho)